



VICTÓRIA CRISTINA OLIVEIRA CARVALHO

**ÉTICA E AUTONOMIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
UMA REFLEXÃO A PARTIR DE PAULO FREIRE**

**LAVRAS-MG
2025**

VICTÓRIA CRISTINA OLIVEIRA CARVALHO

**ÉTICA E AUTONOMIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA REFLEXÃO A
PARTIR DE PAULO FREIRE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart
Orientadora

**LAVRAS-MG
2025**

**Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração
de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA, com
dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Carvalho, Victória Cristina Oliveira.

Ética e autonomia na formação de professores : uma reflexão a partir de Paulo Freire / Victória Cristina Oliveira Carvalho. - 2025.

93 p.

Orientadora: Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2025.
Bibliografia.

1. Ética. 2. Autonomia. 3. Formação de Professores. 4. Paulo Freire. I. Goulart, Ilsa do Carmo Vieira. II. Universidade Federal de Lavras. III. Título.

VICTÓRIA CRISTINA OLIVEIRA CARVALHO

**ÉTICA E AUTONOMIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA REFLEXÃO A
PARTIR DE PAULO FREIRE**

**ETHICS AND AUTONOMY IN TEACHER TRAINING: A REFLECTION BASED ON
PAULO FREIRE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.


APROVADA em 27 de maio de 2025.

Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart UFLA

Dr. Alexandre Filordi de Carvalho DED/FAELCH/UFLA

Dr. Eliasaf Rodrigues de Assis UFLA

Dra. Ellen Maira de Alcântara Laudaes FAGAMMON

Documento assinado digitalmente
 ILSA DO CARMO VIEIRA GOULART
Data: 25/07/2025 17:00:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart
Orientadora**

**LAVRAS-MG
2025**

A Deus a Cristo e a Nossa Senhora, na sua onipresença, me auxiliando e guiando sempre. À minha mãe Maria (Lia), que sempre me incentivou ao estudo e a ser mais, e ao meu pai Victor, que, no seu silêncio, com sua postura ética, íntegra, nos acompanhava e ensinava com o exemplo. A todos professores e professoras que no labor diário, em sala de aula, formam os cidadãos deste país.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus a Cristo e a Nossa Senhora a inspiração, ajuda, força e presença neste trabalho sem as quais não seria possível realizá-lo. Também agradeço à Comunidade Luz Figueira, a todos que residem nela que me ajudaram e apoiaram direta e indiretamente neste processo, principalmente Célia Toledo. Sou grata a Blanca, Regina, Patrícia, Vitor e Airam, que gentilmente me abrigaram em suas casas, ao longo do curso de Mestrado da Universidade Federal de Lavras - UFLA, na cidade de Lavras.

Agradeço também a minha irmã Nicinha e a amiga Sônia pelas leituras dos textos e o apoio moral nas horas difíceis. Não poderia deixar de agradecer aos funcionários da Biblioteca da UFLA, pela atenção e disponibilidade prestadas nas horas de necessidade.

Sem dúvida, um especial agradecimento a minha orientadora Prof^ª. Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart, que me fez possível concluir esta dissertação, que acreditou no meu potencial e me ajudou a concretizá-la. À Prof^ª. Dra. Giovanna Rodrigues Cabral pela grande ajuda em um momento difícil e decisivo nesta caminhada acadêmica, minha imensa gratidão. Ao Prof. Dr. Vanderlei Barbosa pelo acompanhamento de uma grande parte desta jornada que ora se finda, minha gratidão e agradecimento.

Ao Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho pelo aceite e participação da minha banca de defesa, juntamente com o Prof. Dr. Eliasaf Rodrigues de Assis, Prof.^a Dra. Ellen Maira de Alcantara Laudares, os quais muito me honram com suas presenças em um momento tão importante para mim.

Como não poderia deixar de agradecer à Universidade Federal de Lavras por ter-me possibilitado fazer este Mestrado. E aos professores do Mestrado que, de alguma maneira, contribuíram para minha formação.

Agradeço a disponibilidade da Prof.^a Dra. Elaine Regina Cassan, suas considerações e leitura dos textos.

Sei que parece redundante, mas, agradeço mais uma vez a Deus com sua infinita sabedoria e paciência, a Cristo que fez comigo esta jornada e a Nossa Senhora que me ajudou muito neste percurso de prosseguir até o fim.

ESCOLA

Paulo Freire

*Escola é
... O lugar onde se faz
amigos. Não se trata só
de prédios,
salas,
quadros, programas,
horários, conceitos. Escola é,
sobretudo, **gente**.
Gente que trabalha, que
estuda, que alegre, se conhece,
se estima.
O diretor é gente,
o coordenador é gente,
o professor é gente,
o aluno é
gente, cada funcionário
é gente.
E a escola será cada vez
melhor na medida em que
cada um
se
comporte como colega,
amigo, **irmão**.*

*Nada de ilha cercada de gente
por todos os
lados. Nada de conviver com as
pessoas
e descobrir que
não tem amizade a
ninguém. Nada de ser
como tijolo que forma
parede, indiferente,
frio, só...*

*Importante na
Escola, não é só
estudar, não é só
trabalhar.
É também criar laços de
amizade. É criar ambiente de
camaradagem. É conviver, é ser
“**amarrado nela**”.
Ora é lógico
... Numa Escola assim vai ser
fácil estudar, trabalhar,
**crescer, fazer amigos,
educar-se,
SER FELIZ!***

RESUMO

Esta pesquisa traz como centralidade a importância da ética na educação que se dá, na medida em que a escola, como espaço formativo do indivíduo, trabalha a formação ética desenvolvendo valores como respeito, justiça, solidariedade e autonomia. O tema tem uma relevância social, cultural e política, pois se trata da formação dos sujeitos como cidadãos para novas gerações. A educação tem como tarefa a formação de sujeitos éticos e a construção de uma matriz de uma sociedade seguindo um projeto político. Os professores estão envolvidos nesta construção, na medida em que são os agentes responsáveis pelo desenvolvimento da formação dos indivíduos, quer sejam o que constitui a formação humana e acadêmica no ambiente escolar. Estes indivíduos em formação, por sua vez, constituirão o futuro da nação. Segundo Paulo Freire, nós, professores, temos uma responsabilidade ética no exercício da profissão, considerando que a educação tem um papel formativo do sujeito ético nas suas mais diversas dimensões histórica, social, cultural e ética, através da conscientização, da problematização do mundo pelo diálogo, tendo como base a solidariedade. Neste processo, a atividade docente requer um papel reflexivo e ético para desenvolver, com autonomia e responsabilidade, o que lhe cabe desempenhar. Assim sendo, tem-se a seguinte questão problema: como o estudo da ética e a autonomia influenciam no processo de formação do professor? Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo investigar como o estudo da ética e da autonomia pode contribuir no processo formativo do professor, segundo a perspectiva de Paulo Freire. O presente trabalho constitui-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, de um estudo exploratório, e de artigos científicos e livros, tendo como referência as obras principais de Paulo Freire, utilizando como fonte de pesquisa bases de dados. Deste modo, organizaram-se as discussões temáticas a partir de três artigos: a) a educação humanizadora e libertadora de Paulo Freire; b) educação e ética a partir do pensamento freireano, dando uma visão estendida de educação e ética de alguns autores; c) a realização de um produto educacional, através de uma oficina de reflexão temática, que se propôs a uma discussão sobre os componentes éticos na formação docente, a relação da ética e autonomia na prática docente, e o relato desta experiência na dissertação. O primeiro artigo tem como objetivo específico compreender como a educação humanizadora auxilia na leitura de mundo do indivíduo. O segundo artigo propõe discutir o papel da ética preconizada por Paulo Freire no contexto da educação. O terceiro artigo apresenta as reflexões resultantes da oficina temática, realizada com os alunos da Pós-Graduação, com base nas contribuições da ética e da autonomia no processo formativo do professor. A oficina compõe o produto educacional, como exigência do curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Lavras.

Por fim, aqui deposito minha esperança que a educação libertadora e humanizadora permeie a prática educativa, promovendo o desenvolvimento de sujeitos éticos e autônomos para a transformação deste mundo em um mundo mais justo e equânime.

Palavras-chave: ética; autonomia; Paulo Freire; formação de professores; prática docente.

ABSTRACT

This research focuses on the importance of ethics in education, emphasizing how schools, as formative spaces for individuals, foster ethical development by cultivating values such as respect, justice, solidarity, and autonomy. The topic holds social, cultural, and political relevance, as it pertains to shaping individuals as citizens for future generations. Education's task is to form ethical subjects and build the framework of a society aligned with a political project. Teachers play a key role in this process, as they are responsible for nurturing the ethical and academic development of individuals within the school environment. These individuals, in turn, will shape the future of the nation. According to Paulo Freire, teachers bear an ethical responsibility in their professional practice, given that education plays a formative role in the ethical subject across historical, social, cultural, and ethical dimensions. This is achieved through awareness-raising, dialogical problematization of the world, and a foundation of solidarity. In this process, teaching requires a reflective and ethical role to autonomously and responsibly fulfill its duties. Thus, the central research question arises: How do the study of ethics and autonomy influence the teacher's formative process? Accordingly, this research aims to investigate how the study of ethics and autonomy can contribute to the teacher's formative process, from Paulo Freire's perspective. This study constitutes a bibliographic, qualitative, and exploratory research, drawing on scientific articles and books, with a focus on Paulo Freire's major works, using databases as research sources. The thematic discussions are organized around three articles: a) Paulo Freire's humanizing and liberating education; b) education and ethics from Freirean thought, offering an extended view of education and ethics from various authors; and c) the development of an educational product through a thematic reflection workshop, which proposed a discussion on ethical components in teacher training, the relationship between ethics and autonomy in teaching practice, and the reporting of this experience in the dissertation. The first article specifically aims to understand how humanizing education aids individuals in reading the world. The second article discusses the role of ethics as advocated by Paulo Freire in the context of education. The third article presents reflections from the thematic workshop conducted with postgraduate students, based on the contributions of ethics and autonomy in the teacher's formative process. The workshop is part of the educational product, a requirement of the Professional Master's in Education program at the Federal University of Lavras. Finally, it is my hope that liberating and humanizing education permeates educational practice, fostering the development of ethical and autonomous subjects to transform this world into a more just and equitable one.

Keywords: ethics; autonomy; Paulo Freire; teacher training; teaching practice.

INDICADORES DE IMPACTO

Este trabalho, classificado na área temática da Educação, apresenta como principal impacto suas contribuições para a ética e autonomia na formação de professores: uma reflexão a partir de Paulo Freire. Este estudo aborda a importância da ética e da autonomia no processo formativo do professor da educação básica, explorando questões como a ética, que se constitui um fator primordial e indissociável da educação. Sua relevância é de cunho social, cultural e política, pois se trata da formação dos sujeitos como cidadãos para novas gerações. Tem como referência principal as obras de Paulo Freire, com destaque, sobretudo, na “Pedagogia da Autonomia”(1996) e “Pedagogia do Oprimido”(1968). As discussões aqui apresentadas chamam a atenção para a necessidade da ética estar presente na formação do professor, quer seja na sua formação inicial ou continuada, dando assim um lastro de preparação profissional e apoio na sua atuação como docente. Este tema é atual e necessário em nosso tempo, pois, com tantas mudanças rápidas, temos que repensar o papel da escola a cada momento e incluir, na formação do educando, as questões éticas, para a construção de uma sociedade mais equânime, mais justa, respeitosa, com esperança de um mundo melhor. Segundo Freire (2010, p. 57), “é bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social mas sem ela essa transformação não se dá”.

IMPACT INDICATORS

This work, classified in the thematic area of Education, presents as its main impact its contributions to ethics and autonomy in teacher training: a reflection based on Paulo Freire. This study addresses the importance of ethics and autonomy in the formative process of basic education teachers, exploring issues such as ethics, which constitutes a primordial and inseparable factor in education. Its relevance is social, cultural, and political in nature, as it deals with the formation of individuals as citizens for future generations. It primarily references the works of Paulo Freire, with particular emphasis on "Pedagogy of Autonomy" (1996) and "Pedagogy of the Oppressed" (1968). The discussions presented here highlight the need for ethics to be present in teacher training, whether in initial or continuing education, thereby providing a foundation of professional preparation and support in their teaching practice. This topic is timely and necessary in our time, as, with so many rapid changes, we must continually rethink the role of schools and include ethical questions in student formation to build a more equitable, just, and respectful society, with hope for a better world. According to Freire (2010, p. 57), "it is true that education is not the lever for social transformation, but without it, such transformation does not occur."

SUMÁRIO

	PRIMEIRA PARTE	14
1	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	14
2	METODOLOGIA.....	18
2.1	Procedimentos de produção de dados.....	19
2.2	Organização e sistematização do estudo realizado.....	21
	SEGUNDA PARTE.....	22
	ARTIGO 1: A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA E LIBERTADORA DE PAULO FREIRE.....	22
	ARTIGO 2: A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E EDUCAÇÃO: UM OLHAR FREIREANO A RESPEITO DA FORMAÇÃO DOCENTE	38
	ARTIGO 3: PRODUTO EDUCACIONAL: OFICINA REFLEXIVA SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA ÉTICA E DA AUTONOMIA NA FORMAÇÃO DOCENTE DO PROFESSOR.....	65
	TERCEIRA PARTE	83
3	CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES	83
	REFERÊNCIAS	90

PRIMEIRA PARTE

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O homem é um ser de linguagem, de acordo com Bakhtin (2006); usamos a linguagem para nos comunicar e interagir com as pessoas, com o mundo que nos cerca, por isso o discurso social se faz necessário. Nesse discurso, podemos perceber as diferentes percepções de mundo, de pensamentos, de ações, de valores, de crenças, do qual emergem narrativas sobre a ética social e sobre a autonomia dos sujeitos. Nesse contexto, entendemos que a educação possui um papel fundamental em que se faz presente, na formação de professores, uma reflexão sobre a ação moral concreta.

A pesquisa, então, toma como centralidade a abordagem da Pedagogia Humanizadora, proposta por Paulo Freire, que no ano de 2012, recebeu o título de patrono da educação brasileira; criou um método de alfabetização de adultos, aplicado em Angicos, cidade do interior do Rio Grande do Norte, que em 45 dias alfabetizou cerca de 300 trabalhadores rurais no interior do nordeste do Brasil. Na época, foi convidado pelo presidente da república, João Goulart, para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos. Começou a fazê-lo quando se instaurou o golpe militar de março de 1964, que resultou na interrupção do Programa e também na sua prisão por 72 dias. Em seguida, foi para o exílio na Bolívia e depois para o Chile.

Foi no Chile, onde permaneceu por quatro anos, que escreveu o seu livro mais famoso, *A Pedagogia do Oprimido*, considerada a terceira obra de ciências sociais e humanas mais citada no mundo, segundo as informações da London School of Economics (Green, 2016). Foi laureado internacionalmente, reconhecido como um dos maiores educadores do século XX. Recebeu 42 títulos de doutor honoris causa de universidades nacionais e internacionais. Trata-se de o mais importante educador brasileiro e, paradoxalmente, no Brasil, seu trabalho não tem o merecido respeito e admiração.

O nome de Paulo Freire está relacionado como defensor da educação, cuja concepção aponta que o homem se descobriria, recriaria, ressignificaria buscando o seu lugar no mundo como ser inacabado e conseguindo sua inserção nele, do ponto de vista social, político, cultural, ético, e, a partir de suas convicções, chegando a uma interação com o mundo, para alcançar a ser mais. A obra escrita de Freire revela sua inteireza e sua seriedade ao defender o direito à alfabetização e o acesso à educação para todos, tendo em vista as necessidades e carências da população brasileira.

Diante do exposto, ressalto aqui meu respeito e admiração por esse nordestino brasileiro,

que defendia, com alma e coração, a educação com um especial carinho pelo Brasil, seu país, que tanto amava a despeito de tantas perseguições.

Decidi fazer Mestrado em Educação, para fomentar os conhecimentos adquiridos como professora e pelo exercício da profissão, entendendo que o estudo é uma busca constante de aperfeiçoamento e melhoria. Conforme nos aponta Freire (2016, p. 50), a escolha deste educador e suas aspirações em defesa de um mundo melhor, mais igualitário, ético, implicam na diminuição do nível de desigualdade social e na possibilidade das pessoas acreditarem em seus sonhos para que possam realizá-los, saindo da condição de explorados, podendo ser sujeitos de suas próprias decisões com autonomia e respeito na sua vocação ontológica de *ser mais*.

Por tudo isso, neste trabalho, optei por estudar duas concepções sobre ética e autonomia apontadas nos estudos de Paulo Freire (2016, 2019a). O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético segundo Freire (2016, p. 58). Temos estes conceitos imbricadas, quando falamos do respeito à liberdade à autonomia do ser do educando que se faz presente uma condição prévia para o diálogo. No diálogo buscamos a razão de ser na liberdade de seus integrantes de expressar, de pensar o mundo com suas perspectivas, ressignificando e reinventando. Como também no exercício ético o sujeito ter consciência de sua historicidade e sua possibilidade de *ser mais*, procurando constantemente transformar a realidade tendo como os princípios humanos a dignidade, a responsabilidade, a liberdade e a autonomia. O exercício ético está essencialmente ligado a autonomia, sendo que o indivíduo deve ter consciência de sua responsabilidade perante o mundo, fazendo as escolhas de modo consciente.

A pesquisa traz como problema de investigação: como o estudo da ética e a autonomia influenciam no processo de formação do professor? As dimensões da ética e da autonomia se configuram nas abordagens propostas por Paulo Freire, com aproximações do pensamento filosófico de Kant, Aristóteles, e outros, mas contendo aspectos genuínos em sua obra que o tornaram um dos maiores educadores do século XX; considera-se a sua obra mais importante a “Pedagogia do Oprimido”, publicada no ano de 1968, em espanhol e posteriormente em português, em 1975 Freire (2019a, p. 87). A reflexão referente à autonomia tem por base a obra “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, publicada em 1996.

Este trabalho tem por objetivo estudar questões sobre ética e autonomia, cujas funções são preponderantes no contexto escolar e na a formação dos educadores. Este tema, a ética e a autonomia no contexto escolar, despertou-me interesse quando, na prática educativa, percebi que, no dia a dia da escola, havia momentos em que tínhamos de lidar com questões que apontavam nossa falta de preparo para enfrentá-las. Situações estas que aumentam cada vez

mais na complexidade do mundo atual. Vivências desafiadoras, como a experiência recente de uma pandemia geral no planeta, mudanças climáticas, guerras, o avanço da tecnologia com a inteligência artificial, computadores quânticos, são situações novas que impactam e exigem um novo refletir e ressignificar. A escola inserida neste contexto geral tem responsabilidade social, cultural, ética, histórica e necessita responder aos novos desafios pelo papel importante que ocupa na formação das futuras gerações.

Quando se pensa em formação ética para os professores, segundo Caetano e Silva (2009, p. 54), os princípios da ética norteiam valores que direcionam a ação para o bom funcionamento das atitudes e atividades dos alunos. Os professores posicionam-se em uma perspectiva contextualista tendo como objetivo “a proteção do outro, e o cuidado, através do diálogo e da análise de situações concretas, mas também são orientados por valores como o respeito, a solidariedade, a liberdade e autonomia, a justiça, a honestidade, a responsabilidade, e dignidade humanas, e a competência”.

Com isso, podemos considerar, de acordo com Cordero (1986, p. 463) que se a ética define a maneira do ser humano de ser, quer seja no individual quer seja na sociedade, então encontramos uma vinculação profunda entre a ética e a profissão de ser professor. Esta ponderação nos possibilita realizar transformações internas e externas mudando a visão de mundo, podendo nos situar nele com mais consciência e responsabilidade. A reflexão da ação, segundo Freire (2016), cabe ao papel do educador em uma sociedade que cada vez mais está voltada para si, individual e massificada, onde os valores mais éticos e humanos não são levados em conta. O ensino ficou atualmente voltado aos interesses do mercado globalizado, menos humanizado.

Precisamos voltar a ter um ensino que priorize a formação do ser.

Nesse sentido, o estudo pauta-se sobre dois eixos conceituais, da concepção de ética, que, segundo Vázquez (1999, p. 23), “a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano”. Estuda o comportamento humano como ciência, tendo a moral como seu objeto de estudo. Portanto, “a ética não cria a moral”. A ética iniciou-se com os gregos e é um debate antigo. Nestes tempos de grandes mudanças, o mundo se transforma em uma velocidade nunca antes experimentada; estamos vivendo em uma sociedade cada vez mais tecnológica, material e, portanto, temos que cuidar dos problemas éticos e morais, para que a formação humana, que é imprescindível, não sucumba. Para tanto, a escola precisa se preparar mais para enfrentar esses desafios.

Outro ponto conceitual refere-se à autonomia, que, segundo Freire, tem um sentido

sócio-político-pedagógico; defendendo que, num contexto sócio-histórico, um povo ou indivíduo possa se libertar, possa se liberar das opressões que o limitam ou anulam sua liberdade de determinação. Então, a autonomia para Freire passa pela libertação das estruturas opressoras. Partindo dessa vertente temática, consideramos que a formação sobre a ética e a autonomia deve perpassar tanto a formação inicial quanto a continuada dos professores. Por isso, os projetos pedagógicos oferecidos nos Cursos de Licenciatura precisam ser redimensionados para que, na sua formação, o professor possa ter contato com as discussões e metodologias que envolvam esse tema, para que, de fato, possa contribuir para a formação ética e moral do estudante (Razera; Nardi, 2006).

A formação do professor teria, de qualquer maneira, que contemplar essa temática, uma vez que esse processo deve ir além dos aspectos cognitivos, alcançando metodologias e estratégias que necessitam de conhecimentos mais específicos e formais a respeito do estudo da ética e da moral. A formação ética do professor precisa, pois, de muitas pesquisas para que o tema seja discutido e ampliado para um melhor preparo dos educadores.

Nessa perspectiva, compreendemos que é necessário identificar quais pesquisas foram publicadas sobre a temática da ética, autonomia e educação; o que tem sido discutido a respeito desse tema e quais apontamentos se direcionam aos educadores. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como o estudo da ética e da autonomia poderia contribuir no processo formativo do professor, segundo a perspectiva de Paulo Freire. Para melhor delimitar as ações investigativas, estabelecemos como objetivos específicos: a) compreender como a educação humanizadora auxilia na leitura de mundo do indivíduo; b) discutir o papel da ética preconizada por Paulo Freire no contexto da educação; c) analisar a contribuição da ética e da autonomia no processo formativo do professor. Para atingirmos tais objetivos, apresentamos um estudo que contribua para uma melhoria na formação docente e em sua prática educativa.

O trabalho foi dividido em três artigos. O artigo 1: “A educação humanizadora e libertadora de Paulo Freire”. Nesse artigo, o valor ético na obra de Freire se pauta em um projeto humanista e libertador do ser humano, denunciando as formas de como a educação é utilizada para a manutenção do estado de opressão do indivíduo menos favorecido socialmente, evitando, assim, que ele possa sair do jugo no qual vive.

O artigo 2: “A relação entre ética e educação: um olhar freireano a respeito da formação docente”. Com uma abordagem conceitual da ética, em Aristóteles, Kant, Vázquez e principalmente em Freire, buscamos contribuições para desenvolver essa questão relacionada com a importância da educação e ética na formação de professores.

O artigo 3: Como Produto Educacional, realizou-se uma oficina de 2h30 para alunos da

Pós-Graduação, do segundo semestre do curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Lavras-UFLA, cujo título é: “Oficina reflexiva: Contribuição da Ética e da Autonomia na Formação Docente do Professor”, que corresponde ao terceiro artigo da pesquisa. A proposta do Produto Educacional visa a um estudo a respeito da ética e autonomia e de suas implicações na atividade docente. Consideramos necessários que, na formação do professor, sejam cultivados valores éticos e morais para que, de fato, o educador possa ter um compromisso vivencial dos princípios que norteiam a ética, e que, na prática, possa atuar com autonomia e discernimento, com um agir ético.

Acreditamos, portanto, que esta pesquisa, com as discussões e reflexões expostas neste trabalho, irá agregar ao tema, que é de tanta relevância, mais investigações que não devem esgotar-se por aqui.

2 METODOLOGIA

Com o intuito de compreender como o estudo da ética e da autonomia pode contribuir na formação docente, para uma maior e melhor atuação com consciência e responsabilidade nas ações educativas, este trabalho opta por realizar uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa.

Segundo Severino (2016), a pesquisa bibliográfica se origina de outras pesquisas já existentes, em documentos impressos como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se os textos como fontes dos temas a serem pesquisados. Atualmente, com o advento da internet, foram incluídas outras fontes de pesquisas que são materiais digitalizados. Exemplos: vídeos, palestras, conferências, e-books, bases de dados, etc.

A abordagem é qualitativa, visto que a pesquisa qualitativa se relaciona com um “conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas” (Severino, 2016, p. 125).

Por buscar uma reflexão a partir dos dados produzidos, a pesquisa de abordagem qualitativa, segundo Minayo et al. (2007, p. 21):

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Esta pesquisa começou buscando dissertações e teses cujo tema fosse similar ao que trazemos aqui. Na base de dados do Portal Periódicos da CAPES, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com esse tema, buscamos trabalhos com as seguintes palavras-chave: ética; autonomia; Paulo Freire; formação de professores; prática docente. A metodologia do trabalho foi aprimorada depois de alguns novos direcionamentos, quando foi feita uma revisão de literatura mais refinada.

2.1 Procedimentos de produção de dados

Para produção de dados com foco na pesquisa bibliográfica, realizamos um levantamento das produções acadêmicas, produzidas sobre a temática ética e autonomia na perspectiva de Paulo Freire, no Portal de Periódicos da Capes na base de dados BDTD. A pesquisa iniciou-se em dezembro de 2023 e, como descritores, escolheram-se as combinações de três palavras-chave em cada pesquisa, em português, no período de 2005 a 2024, nos últimos vinte anos. O critério de inclusão concentrou-se em encontrar as palavras-chave no título ou no resumo do trabalho que tivessem aproximação com o tema. Os trabalhos encontrados foram classificados em três grupos de combinações de palavras que são: ética and autonomia and “Paulo Freire”, ética and autonomia and “formação de professores”, ética and autonomia and “prática docente”. No primeiro grupo, ética and autonomia and “Paulo Freire”, foram escolhidos os trabalhos de maior interesse, obtendo-se o resultado que segue na tabela 1 abaixo:

Quadro 1 - Quantitativo de trabalhos que abrangem os três grupos de combinações escolhidos na revisão de literatura (2005-2024).

Expressão de Busca	Trabalho	Autor/Ano	Número
Ética and autonomia and “Paulo Freire”	Dissertações	Duarte (2019); Fucuhara (2021); Muzzatto (2017); Nunes (2011); Salvi (2018); Silva (2015); Zatti (2007).	7
	Teses	Fortuna (2021); Guzzo (2009); Silva (2022).	3

Ética and autonomia and “formação de professores”	Dissertação	Ceretta (2018)	1
Ética and autonomia and “prática docente”	Dissertação	Martins (2018)	1

Fonte: elaborado pela própria autora.

No segundo grupo, ética and autonomia and “formação de professores”, de 198 trabalhos, apenas uma dissertação foi escolhida para a pesquisa. No terceiro grupo, ética and autonomia and “prática docente”, de 88 trabalhos, encontramos apenas uma dissertação. Também foram pesquisados artigos no Portal dos Periódicos da CAPES, com os mesmos três grupos de palavras-chave no campo de Busca, sendo escolhidos alguns artigos.

O resultado, depois de filtrar uma quantidade de trabalhos que discutem a questão da ética e autonomia, na concepção de Paulo Freire, levou em consideração a formação de professores e a prática docente, segundo a visão do autor. Com isso, chegamos à conclusão de que somente esses doze trabalhos, acima relacionados na tabela, estavam diretamente entreligados ao objetivo da pesquisa.

Dessa maneira, tendo como parâmetro também outros artigos e capítulos de livros, juntando-se com as principais obras de Paulo Freire tais como: *À sombra desta mangueira* [1995] (2022); *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* [1979] (1980); *Educação como prática da liberdade* [1967] (2019); *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* [1996] (2016); *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* [1992] (2019); *Pedagogia do Oprimido* [1968] (2019); *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* [1993] (2010); *Educação e mudança* [1979] (1988); *Pedagogia da Indignação* [2000] (2000); *Política e Educação* [1993] (2023), pudemos estudar e tentar compreender a temática aqui apresentada, obtendo a replicabilidade que é a possibilidade de se utilizar esta metodologia replicando-a para outro tema, como também, a reprodutividade garantindo que alguém possa utilizar esse método para refazer a pesquisa.

Entre colchetes, encontra-se o ano em que o livro foi publicado pela primeira vez em qualquer idioma, em parentêses, está a edição pesquisada.

2.2 Organização e sistematização do estudo realizado

O estudo realizado foi organizado a partir de três artigos: a) a educação humanizadora e libertadora de Paulo Freire; b) educação e ética a partir do pensamento freireano, dando uma visão estendida de educação e ética com alguns autores; c) a realização de um produto educacional, através de uma oficina, que se propôs a uma discussão sobre os componentes éticos na formação docente, a relação da ética e autonomia na prática docente, em que se acrescentou também o relato desta experiência na dissertação.

O primeiro artigo foi organizado com o critério de escolha dos autores correspondentes ao tema de cada seção. O artigo 1, denominado “A educação humanizadora e libertadora de Paulo Freire”, foi dividido em duas seções: a) Que elementos tecem a educação humanizadora e libertadora de Paulo Freire? Que teve como referencial teórico autores, como Freire (1988, 2010, 2019a); Kant (2019); b) Paulo Freire e a Educação libertadora pautada em Freire (1980, 1997, 2000, 2016, 2019a, 2019b); Feitosa (1999); Leffa (apud ELA: Epifanias em Linguística Aplicada, 2024); Colello (apud Jornalismo TV Cultura, 2025); Freire (2019c).

O segundo artigo deste trabalho se denomina : “A relação entre ética e educação: um olhar freireano a respeito da formação docente”, e foi fracionado em três seções: a) “Ética e Sociedade”, com os aportes de Carvalho (2008); Fortuna (2015); Sanfelice (2000); b) “Ética e Educação”, através dos estudos de Rodrigues (2001); Cunha (2003); Aristóteles (2007, 2022);

Valle (2001); Kant (1999, 2019); Nodari (1997); Pinheiro (2007); Vázquez (1999); Zeni (2010); c) “Ética e Educação, uma Visão Freireana”, que tem como contribuições de autores tais como Freire (1988, 2016, 2019, 2023); Boto (2001); Nunes (2011); Silva e Martins (2022).

Para concluir, o terceiro artigo intitula-se “Produto Educacional: Oficina Reflexiva sobre a Contribuição da Ética e da Autonomia na Formação Docente do Professor” e foi constituído de duas seções que tratam do produto educacional, no formato de uma oficina, realizada como parte desta pesquisa, trazendo como um relato vivencial a experiência com professores. Os autores são Freire (2010, 2016); Caetano e Silva (2009); Kant (1985, 2019); Mora (2005); Muzzatto (2017); Segre (2002); Silva, Ishii e Krasilchik (2020); Trombetta e Trombetta (2008); Vázquez (1999); Zatti (2007).

Esta pesquisa, por conseguinte, tem o intuito de aprofundar-se nas reflexões sobre o papel da ética e autonomia na formação e desenvolvimento profissional docente.

SEGUNDA PARTE

ARTIGO 1: A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA E LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

Resumo

Este artigo propõe-se a refletir sobre a dimensão humanista da obra de Paulo Freire principalmente a encontrada no seu livro “Pedagogia do Oprimido”, considerada sua obra máxima, que discorre sobre as principais teorias freireanas que ele formulou ressignificando a educação e se tornando um dos mais influentes pensadores na filosofia da educação do século XX. A questão norteadora é: como a educação pode ser humanizadora se ela estiver a serviço da opressão e exploração do indivíduo? O objetivo deste estudo é investigar as maneiras apresentadas para uma educação libertadora proposta por Paulo Freire, que oferece uma nova forma de educação, contrapondo-se à existente e possibilita uma transformação no ser, em uma dimensão consciente, ética, cultural e política. O estudo aborda também outros aspectos do pensamento freireano que se manifestam no conjunto de sua obra, mantendo sua coerência, seu diálogo, o seu inacabamento como forma de lidar com a educação em uma dimensão mais ampla, universal.

Palavras-chave: educação humanizadora; educação libertadora; diálogo; Paulo Freire.

Abstract

This article reflects on the humanist dimension of Paulo Freire's work, particularly as presented in his seminal book “Pedagogy of the Oppressed”, which explores his key theories that redefined education and established him as one of the most influential thinkers in 20th-century philosophy of education. The central question guiding this study is: How can education be humanizing if it serves oppression and exploitation? The objective of this research is to examine the pathways proposed by Paulo Freire for a liberating education—one that offers an alternative pedagogical approach, challenges existing systems, and enables transformation at the conscious, ethical, cultural, and political levels. The study also addresses other aspects of Freirean thought evident across his body of work, maintaining its coherence, dialogical nature, and "unfinishedness" as a way to engage with education in a broader, universal dimension.

Keywords: humanizing education; liberating education; dialogue; Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

Diante disso, este artigo tem como objetivo abordar a educação humanista e libertadora de Paulo Freire, refletindo acerca de algumas das principais ideias que nortearam a sua pedagogia, presentes em sua referência principal, o livro “Pedagogia do Oprimido”. Para tanto, foi tecida um diálogo com o pensamento freireano, buscando compreender como se apresentam e se inter-relacionam os elementos fundantes da educação humanizadora e libertadora trazida por Paulo Freire, dos quais têm destaque neste estudo, o diálogo, a práxis educativa, a conscientização, o método Paulo Freire, a educação bancária e a concepção de educação problematizadora ou libertadora.

Iniciamos com a frase de Paulo Freire que diz: “Não há educação sem amor”, Freire (1988, p. 29). A educação humanista, sem dúvida não pode prescindir de amor. O amor é uma força que nos une e faz ressaltar em nós o que temos de melhor. É a energia que nos impulsiona para irmos em conjunto, em comunhão, construir um mundo melhor, com paz, respeito ao ser humano e ao planeta. Pensar no coletivo, no bem comum, nas condições de vida humana igualitária para todos são o sonho e a utopia que devemos almejar, assim como cuidar do nosso planeta para que ele possa continuar habitável para as próximas gerações. Que a guerra não esteja mais presente, que seja um passado! Eis uma educação humanizadora, que pensa no coletivo e no bem para todos. Eis a educação que Freire defendia, na qual o amor não é egoísmo, pois “quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar” (Freire, 1988, p. 29). É, portanto, a aceitação do outro sem discriminação.

Falar sobre a pedagogia do amor do educador brasileiro Paulo Freire é explicitar o seu modo de pensar revolucionário que mudou a base do pensamento da educação com suas ideias inovadoras, tornando-se um dos mais importantes educadores do século XX. Sua proposta educativa traz a concepção de uma educação libertadora e transformadora e também inclusiva. Freire dedicou sua vida em defesa dos oprimidos, das pessoas excluídas socialmente, daquelas pessoas que não sabiam ler nem escrever.

Na década de 1950, mais da metade da população brasileira era analfabeta, não podia votar e não tinha seus direitos assegurados como cidadãos, sobretudo, as classes trabalhadoras da cidade e do campo. Nessa época, o país vivia uma efervescente corrida de desenvolvimento industrial e acreditava-se que um de seus atrasos maiores era devido a uma população, na sua

grande maioria, analfabeta. Isso era considerado um obstáculo para que o país se desenvolvesse na era industrial. Nessa perspectiva, educação é apenas sinônimo de avanço e desenvolvimento econômico.

No entanto, Freire acreditava que a educação poderia levar o sujeito a uma condição de libertação das condições sócio-econômicas de opressão, impostas pelo sistema econômico vigente, por meio dos processos de instrução e da tomada de consciência de si e da realidade do próprio sujeito, fosse ele, educando ou educador. Com isso, Freire trazia a grande chave que abria as portas para se viver e refletir sobre uma educação que valorizava o ser humano e os processos de ensinar e aprender.

Também propunha ao sujeito sair de um estado de opressão e alienação, para um lugar de engajamento e luta tendo em vista a transformação social e econômica, a partir do seu próprio contexto.

Em outras palavras, afirmava que o processo de educação pela conscientização torna possível a inserção do indivíduo na sociedade, ao ocupar sua presença no mundo, fazendo a sua história, reivindicando seus direitos, tornando mais humanas e justas as relações de poder.

2 QUE ELEMENTOS TECEM A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA E LIBERTADORA DE PAULO FREIRE?

Para refletir sobre a perspectiva da educação humanizadora e libertadora, podemos iniciar com uma questão: que elementos tecem a educação humanizadora e libertadora de Paulo Freire?

Freire acredita que o estado de inacabamento move continuamente, o ser humano ao ato de conhecer atendendo especialmente a uma necessidade ontológica de buscar-se melhorar, crescer e transformar-se. Pode-se afirmar que a cada momento, aprende-se na relação com o mundo e com os outros. Isso também gera uma consciência da existência e que ocupamos um lugar no mundo, conseqüentemente fazendo a nossa história. Por conseguinte, essa consciência adquirida socialmente é reveladora de que cada um é, ao mesmo tempo, autor de uma história individual e coletiva.

O processo da educação é essencial para o desenvolvimento do ser, para a sua inclusão e participação social, histórica, política dentro da sociedade. É através da educação que o homem descobre o seu potencial e se torna mais humano. Segundo Kant, “o homem só se pode tornar homem através da educação” (2019, p. 12); defendendo, assim, a educação na formação da constituição do ser para o desenvolvimento cada vez mais legítimo da natureza humana.

Freire nos diz que, com a educação, o homem se transforma e, com isso, ele pode transformar o mundo. Acredita na transformação social através do coletivo em comunhão. “É bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela essa transformação não se dá” (Freire, 2010, p. 57).

O ser humano é o único animal que necessita ser educado. E isso ocorre no espaço formal da escola, na família e no convívio social chamado “vida”. Todos esses ambientes são de interação social com as pessoas e com o mundo que as circunda. De sorte que o ato de aprender e ensinar está implícito no indivíduo, desde o seu nascimento até a morte, caracterizando bem o que Freire diz que “o homem é um ser de relações” (Freire, 1988, p. 30). O homem percebe sua realidade, tornando-a objeto de seus conhecimentos. O homem entendendo sua realidade pode problematizá-la, buscando soluções para as questões apresentadas, transformando-as. Esse processo por si é transformador e vem carregado das humanidades (Freire, 1988).

Nesse sentido, a força do pensamento revolucionário de Freire está no questionamento e na problematização entre o contexto em que o indivíduo vive e o sistema vigente, no qual ele pode constatar o conceito de educação bancária.

A educação bancária pode ser entendida como uma prática que mantém o status quo dos indivíduos, tornando-os meros depósitos dos conhecimentos adquiridos, como algo estático e sem capacidade de reflexão, sendo passivos e a passividade se justifica pela necessidade de obediência à ordem vigente. Sendo, portanto, essa educação domesticadora, não possibilita ao indivíduo interagir com sua realidade, pois lhe é negada a vivência de sua vocação essencial e vital, de olhar consciente para a sua existência no mundo concreto e a possibilidade de superar a si mesmo. Entretanto a educação problematizadora é libertadora e almeja justamente o contrário: que o indivíduo desenvolva uma consciência crítica, que através do diálogo, construa o seu pensar autêntico e crítico, interagindo com a realidade, transformando-a e conquistando assim sua libertação. “Se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a ‘educação bancária’ pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação” Freire (2019a, p. 86). Com isso, Freire ganha respeito e notoriedade quando vai reafirmando a necessidade de uma educação libertadora e humanizadora.

3 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

3.1 Em que contexto nasce a educação libertadora de Paulo Freire?

Paulo Freire, educador brasileiro, nasceu em Recife, em 1921 e morreu em São Paulo, em 1997. Foi comprometido com uma educação que promova a transformação social, o bem comum, e a justiça social. No seu pensamento, percebia que a educação e a política andavam juntas. Freire trabalhou com muitos trabalhadores do campo que eram, na grande maioria, analfabetos. Na concepção da educação freireana, a formação educativa e social pode ter lugar em escolas, centros de formação com amplitude e diversidade em zonas rurais, urbanas, e em espaços de convivências, transformando-os em espaços formativos.

No contexto histórico brasileiro nos idos de 1950, a educação tinha um histórico voltado para as elites, a classe dominante, e, como resultado, havia um alto grau de analfabetismo no país, pois a educação não contemplava a população. Com o país entrando na era industrial, com a febre de desenvolvimento resultante, entre outros fatores, da construção da nova capital do país, Brasília, viu-se que o país não iria conseguir dar os passos que almejava se não conseguisse resolver a questão do analfabetismo, considerado um entrave para o desenvolvimento do país. No Nordeste, uma das regiões mais pobres do Brasil, onde se encontrava o maior número de analfabetos do país, estavam sendo realizadas experiências com educação para adultos por um pedagogo pernambucano, chamado Paulo Freire, que se tornou um dos estudiosos mais notáveis nesse assunto. Freire se preocupava com a grande massa da população analfabeta, trabalhadores que eram provindos da cidade e do campo. A história pedagógica do Brasil e da América Latina mudou com o surgimento da pedagogia Freireana, que marcou o antes e o depois de Freire.

Freire foi um dos maiores impulsionadores da concepção de educação popular, tornando possível romper com uma tradição da pedagogia contemporânea, que se constituía da educação voltada para a classe dominante. Numa conjuntura de massificação, de exclusão, de falta de articulação da escola com a sociedade, Freire lançou um projeto educacional radicalmente democrático e libertador, constituindo-se em um legado que permanecerá sendo um marco na pedagogia nacional e internacional.

No contexto histórico, cultural, social e econômico em que se encontrava o Brasil nas décadas de 1950 e 1960, Freire vive e assume integralmente a utopia de um mundo melhor e vai revelando em suas práticas, em suas narrativas e em sua produção intelectual, o lugar de defesa da educação. Para ele a educação é um direito, não exclusivo a uma classe social, mas a ser conquistado socialmente e garantido para todos, pois

[...] a grande tarefa do poder político é garantir as liberdades, os direitos e deveres, a justiça, e não respaldar o arbítrio de uns poucos contra a debilidade das maiorias. Assim como não podemos aceitar o que venho chamando de

“fatalismo libertador”, que implica o futuro desproblematizado, o futuro inexorável, não podemos igualmente aceitar a dominação como fatalidade. Ninguém me pode afirmar categoricamente que um mundo assim, feito de utopias, jamais será construído. Este é, afinal, o sonho substantivamente democrático a que aspiramos, se coerentemente progressistas. Sonhar com este mundo, porém, não basta para que ele se concretize. Precisamos de lutar incessantemente para construí-lo (Freire, 2000, p. 131).

O direito à educação, para Freire, é a condição para que todos tenham acesso à educação. A educação é a oportunidade para que o trabalhador, na luta por libertação dos mecanismos externos de dominação e submissão, tenha condições de tomar consciência dos grilhões internos aos quais está atado e preso, e vislumbre a saída. Mas essa luta não lhe é dada; precisa ser aspirada e construída, pois, através dela, deve buscar na educação, no conhecimento e no exercício da criticidade, a forma de soerguer-se; o ser humano pode saber do seu estado de inacabamento; conscientizar-se de que este estado é o que o move. É com essa compreensão que o trabalhador irá se formando, refletindo sobre o mundo que o cerca, transformando-se e se capacitando para enfrentar uma sociedade que cada vez mais é exigente em habilidades e saberes; enfim o ser humano que habita o trabalhador pode ocupar seu lugar no mundo e ser sujeito da própria história. Assim, essa “libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (Freire, 2019a, p. 43).

A educação libertadora foi uma pedagogia que apareceu na década de 1950 a 1960 do século XX, no Brasil, no intuito de renovação e destacando o sujeito como pensante, crítico e reflexivo. Segundo sua teoria, o aprendizado se desenvolve a partir do diálogo e a reflexão crítica da realidade de maneira horizontal, nas relações entre educador e educando. A educação deve constituir-se em uma ação libertadora e transformadora e não em uma simples transmissão de conhecimentos, tendo como objetivo principal transformar o processo educativo passivo, em uma pedagogia crítica e libertadora, fazendo com que haja mais engajamento e compromisso por parte do Estado, do professor e do estudante no processo educativo. Paulo Freire, no livro “Pedagogia do Oprimido” expõe suas teorias a respeito da pedagogia libertadora, dando um enfoque político às questões educativas e conscientizando as classes oprimidas; dando, também, uma real importância na alfabetização de adultos, não fazendo de modo memorístico, mas de forma dialógica com aproximação crítica da realidade.

Do ponto de vista da libertação, o processo de alfabetização é um ato de conhecimento, um ato criador, no qual o iletrado, tanto como o seu instrutor, desempenha o papel de sujeito conhecedor. Os iletrados não são considerados como “recipientes vazios” ou como simples recipientes. Não são considerados

como marginais que devem ser recuperados, mas como homens que estão impedidos de ler e de escrever pela sociedade na qual eles vivem, homens dominados, privados do seu direito de transformar o seu próprio mundo (Freire, 1997, p. 24).

Pelas próprias palavras de Freire, percebemos sua defesa e seu esforço para que essa parte da população brasileira fosse incluída, deixasse de ser marginalizada, entregue à sua própria sorte, sem presente e futuro. Freire (2019a, p. 98) nos diz que “a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens”.

Para melhor apresentar a perspectiva de Paulo Freire, optamos por organizá-la em quatro pontos discursivos que centralizam os escritos do autor a respeito da Educação libertadora:

- a. Diálogo horizontal e a práxis educativa;
- b. Conscientização e educação (método Paulo Freire);
- c. Educação bancária;
- d. Educação problematizadora.

Trataremos de forma mais específica cada ponto:

- a. O diálogo horizontal e a práxis educativa.

O diálogo se aplica como um instrumento de libertação atuando na construção da consciência crítica dos alunos.

Ninguém pode conhecer por mim, assim como não posso conhecer pelo aluno. O que posso e o que devo fazer, na perspectiva progressista em que me acho, é, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafiar-lo a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber. Meu papel de professor progressista não é apenas o de ensinar matemática ou biologia, mas o de, tratando a temática que é, objeto de um lado de meu ensino, de outro, da aprendizagem do aluno, ajudá-lo a reconhecer-se como arquiteto de sua própria prática cognoscitiva (Freire, 2016, p. 121).

Outro ponto a ser observado trata-se da discussão a respeito da práxis. Paulo Freire nos diz que a práxis é proveniente da nossa vocação ontológica de ser mais. Segundo Freire, a vocação humana como espécie é a humanização, o ser mais. Vamos ver o significado de vocação: a origem da palavra no latim é *vocatio*, significa chamado; é a tendência do ser humano como espécie buscar o ser mais, conhecer a si mesmo, conhecer o mundo, o que o conduz a

uma busca incessante, por saber-se um ser inacabado e inconcluso, ao ser mais. O seu caminhar de busca ao ser mais leva-o ao processo de sua humanização.

Uma das contribuições de Paulo Freire foi trazer a práxis para a área da educação. A práxis veio da Grécia antiga e teve início com Aristóteles. Séculos depois Max a utilizou, segundo Leffa (apud ELA: Epifanias em Linguística Aplicada, 2024, 3:37), “para explicar que o trabalho humano é uma atividade orientada a um objetivo consciente, [...] o homem desenha na mente o que vai ser construído, antes de transformá-lo em realidade, isto é, agimos conscientemente, levados pelos objetivos que temos em mente”. Freire com isso, trouxe a práxis para a área da educação, estudou, em Aristóteles e em Marx, os conceitos de objetivo e consciência, como também desenvolveu e ampliou esses conceitos, especialmente o da consciência, vindo, assim, a criar o seu conceito de conscientização.

As categorias do pensamento provindo do conceito de práxis freireano vieram de Hegel, Marx, Engels (Freire, 2019a, p. 49-55). Para entender o conceito de práxis em Paulo Freire, substituiremos as palavras “teoria” e “prática”, respectivamente, por “reflexão” e “ação”. Não se trata de uma ação política e uma reflexão separada, mas uma junção das duas compondo uma unidade dialética que cria uma sequência contínua de aprendizagem, sendo esta aprendizagem uma transformação da realidade. “A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (Freire, 2019a, p. 52).

Na unidade dialética da reflexão e ação, o indivíduo tem consciência que no oprimido também se encontra o opressor e, na sua luta de transformação para deixar de ser oprimido, ele também se libertará do opressor que tem dentro, superando a contradição do opressor-oprimido (Freire, 2019a).

Mas, como o próprio Freire diz: “a superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se” (Freire, 2019a, p. 48). Segundo Freire, essa superação não é de forma idealista, pois é necessário que o oprimido lute pela sua liberdade; que na sua realidade concreta de opressão, não tenha medo da liberdade temendo não sair da situação, mas vendo-a apenas como um limite, podendo transformar e utilizar esse limite como um instrumento de sua ação libertadora e de sua práxis. Libertação que não alcançará sem esforço, mas sim “pela práxis de sua busca” e pela admissão da certeza de lutar por ela. A luta dos oprimidos será um ato de amor, dependendo da finalidade dada, na qual se oporão ao desamor presente na violência dos opressores, mesmo que se disfarce de uma falsa generosidade (Freire, 2019a).

Freire diz que o amor é fundamental para o diálogo, que o diálogo também é a expressão

do amor, por isso ele diz que não há diálogo sem amor. “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens” (Freire, 2019a, p. 110). Freire nos fala que uma revolução realizada pelos homens tem uma teoria, e quando ela vem em defesa dos oprimidos, podemos dizer que é em nome de uma humanização pelas condições desumanas existentes. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (Freire, 2019a, p. 111). A educação é um ato de amor e, como tal, precisa ser um instrumento de libertação, como também um despertar da consciência do indivíduo. O educador tem que ser ético, respeitando os limites do educando, os seus sonhos e seus medos.

Amor [...] é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (Freire, 2019a, p. 111).

Como sendo o amor dialógico, “a pronúncia do mundo”, com seu ato de criar e recriar, não acontecerá sem que esteja imerso no amor (Freire, 2019a). O diálogo não existe sem humildade; a pronúncia do mundo no seu ato de recriação não pode ser arrogante. “Não há também diálogo se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens”, Freire (2019a, p. 112). Sem fé nos homens, o diálogo se constitui em uma farsa.

O diálogo é fundamental para o desenvolvimento humano, possibilitando que o educador e o educando se comuniquem trazendo suas perguntas, dúvidas e questionamentos. Para tanto, para que o diálogo aconteça, é necessário o amor, um profundo amor aos homens e ao mundo; é fundamental que o diálogo não tenha uma relação de dominação, constituindo-se, assim, em uma relação horizontal, com humildade, sem que seja um ato arrogante, entre o educador e o educando. Nessa discussão, o autor ressalta que “Não existe diálogo sem esperança”, Freire (2019a, p. 113).

Freire diz que, no diálogo, formam-se os sujeitos críticos e comprometidos, enfatizando que não pode haver diálogo sem esperança. Um pensamento crítico que capte a realidade como processo e facilite a criação e a superação da contradição entre educador e educando sabe que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, (Freire, 2019a, p. 95).

b. Conscientização e educação (método Paulo Freire).

O termo conscientização, apesar de ser um conceito central das ideias de Freire sobre educação, foi criado por um grupo de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, em torno de 1964. No livro “Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire”, Freire (1980, p. 25) faz menção ao filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro, entre outros que participaram.

Os homens têm a capacidade de agir conscientemente sobre o mundo concreto com objetividade. “A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens” (Freire, 1980, p. 26). A conscientização não se apoia em que a consciência e o mundo estão em lados opostos, e sim alicerçada na relação consciência-mundo. Por esse motivo, a conscientização é um compromisso histórico, como também consciência histórica, isto é, a inclusão crítica na história em que fazem que os homens aceitem o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo (Freire, 1980).

No contexto em que se encontrava, em uma população com muitos analfabetos, o pedagogo começou a trabalhar com educação popular voltada à alfabetização de adultos, e, no engajamento do indivíduo, com a conscientização, ao fazer política para uma transformação social da realidade, mostrava que não há educação neutra. Isto quer dizer que os educandos aprendendo a ler, inseriam-se no contexto social, do qual estavam excluídos, discutindo seus problemas e tendo uma nova visão da realidade.

Na construção da teoria que desenvolveu, Freire partiu da própria situação de opressão e marginalização em que os educandos viviam para servir de aporte ao sujeito na sua estruturação como construtor do seu aprendizado, considerando o seu contexto social. Então podemos dizer que todo processo educativo deve partir da realidade que rodeia o educando. Ele percebeu que o caminho mais rápido para a alfabetização era a tomada de consciência da condição de exploração em que o educando vivia, podendo ser liberado do estado de silêncio e de opressão, enfatizando que o conhecimento não se transmite e sim se constrói.

Segundo Freire, “se o saber fosse alguma coisa puramente estático e a consciência fosse uma espécie de vazio, ocupando um “espaço” no homem, então este modo de educação poderia ser correto. Mas o saber é um processo e a consciência é intencionalidade dirigida para o mundo” (Freire, 1997, p. 20). Sendo assim, o saber humano se constitui em uma unidade dialética permanente entre a ação e a reflexão sobre a realidade. Os homens são “corpos conscientes” com presenças no mundo que mudam o mundo através do pensamento e pela ação, o que possibilita conhecer o mundo de maneira reflexiva (Freire, 1997).

O Método Paulo Freire de alfabetização não é uma técnica mecânica de ensino para ler

e escrever e sim um processo de formação da consciência crítica do educando. Freire considera a alfabetização como ato criador, contestando as ideias tecnicistas, cujo método propicia uma educação em que o indivíduo não seja autônomo para pronunciar seu próprio discurso, tornando-se sombra de alguém. Propõe um educador autônomo, que seja capaz de refletir criticamente sobre uma educação libertadora e crítica. Na sua concepção de educação popular, destaca seu compromisso com os oprimidos, com os excluídos, os mais pobres. Em um contexto de massificação, de exclusão, de desarticulação da escola com a sociedade, Freire, ao construir um projeto educacional radicalmente democrático e libertador, colabora para uma formação de uma sociedade mais justa e equânime (Feitosa, 1999).

Segundo Feitosa (1999, p. 27):

Ao longo de sua militância educacional, social e política, Freire jamais deixou de lutar para superar a opressão e desigualdades entendendo que um dos fatores determinantes para isso é o desenvolvimento da consciência crítica. Seu projeto educacional sempre contemplou essa prática, construindo sua teoria do conhecimento com base no respeito pelo educando, na conquista da autonomia e na dialogicidade enquanto princípios ético-metodológicos.

Freire, nos seus estudos e experimentos ao longo dos anos iniciais que resolveu trabalhar para a educação, quando começou a desenvolver o método, perguntava-se como fazê-lo, e a resposta foi apontando para:

- I. num método ativo, dialogal, crítico e criticizador;
- II. na modificação do conteúdo programático da educação;
- III. no uso de técnicas como a da redução e da codificação (Freire, 2019b, p. 141).

Construiu em cinco as fases de elaboração do método Paulo Freire que são (Freire, 2019b, p. 147-150):

- 1 a primeira fase é um levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará;
- 2 a segunda fase é constituída pela escolha das palavras, selecionadas do universo vocabular pesquisado. Chamada de palavra geradora;
- 3 a terceira fase consiste na criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar;
- 4 a quarta fase consiste na elaboração de fichas-roteiro, que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho. Estas fichas-roteiro devem ser meros subsídios para os coordenadores, jamais uma prescrição rígida a que devam obedecer e seguir;

5 a quinta fase é a feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.

c. Educação bancária;

A educação bancária, intitulada por Freire, é uma educação que ignora o saber que o educando traz em sua bagagem vivencial, que é o somatório das experiências e trocas no meio que o cerca, tendo como central o papel do professor. Este é o detentor do saber e o educando nada sabe; sendo, portanto, uma educação vertical, na qual o educador leva o educando à memorização mecânica dos conteúdos. Os educandos são considerados como recipientes vazios que são preenchidos com o saber e, por terem uma postura passiva, tendem a se adaptar às dificuldades do mundo, ao invés de transformá-lo.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 2019a, p. 109).

Em contrapartida, Freire defende a educação questionadora também conhecida como libertadora em que o ato educativo é oriundo da reflexão e do questionamento: fazer perguntas. O pedagogo afirma que toda a ação educativa deve nos conduzir a uma reflexão sobre quem somos nós e por que estamos aqui no mundo, trazendo a ideia de que o oprimido deveria deixar de sê-lo, sem se transformar em opressor. “A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 2019a, p. 93).

Contraopondo-se a isso, os educandos da educação bancária, no processo educativo, transformam-se em “vasilhas” para serem preenchidos pelo educador e quanto mais forem preenchidos, melhor será o educador. Assim a educação converte-se em “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (Freire, 2019a, p. 80).

Na perspectiva da educação bancária, a educação é essencialmente de narração, conduzindo a uma memorização mecânica do conteúdo em que não há criatividade, não há transformação, não há saber, pois Freire afirma que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 2019a, p. 81). Essa é a busca incessante, inquieta e curiosa para a apreensão do saber.

d. Educação problematizadora.

Segundo Freire (2019a), a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser mais um ato de depositar, ou narrar, ou de transferir conhecimentos aos estudantes de maneira passiva, como é feita na educação bancária, mas um ato de buscar o saber, capaz de assimilar o conhecimento.

O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educandos, a segunda realiza a superação” (Freire, 2019a, p. 95).

A educação bancária conserva a contradição na medida em que nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica, enquanto a educação problematizadora, para realizar a superação, afirma a dialogicidade se tornando dialógica no seu processo gnosiológico, que é a busca do saber, do conhecimento. A frase célebre freireana diz:

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2019a, p. 95). A educação problematizadora não poderia deixar de superar a contradição entre o educador e o educando na sua relação verticalizada, e, também, não poderia faltar nela a presença do diálogo; pois é através do diálogo que se processa a superação, originando-se daí dois termos novos que deixam de ser “educador do educando” e “educando do educador” para ser o “educador-educando” e “educando-educador” (Freire, 2019a, p. 95).

A educação se caracteriza como um “quefazer” humano: educadores-educandos e educandos-educadores, mediatizados pelo mundo. O educador é sempre um sujeito cognoscente desde o momento em que se prepara até o instante em que se encontra dialogicamente com os educandos. O objeto cognoscível do qual o educador bancário se apropria, para o educador problematizador não é uma propriedade sua e sim passa a ser a junção da reflexão sua e dos educandos (Freire, 2019a).

Dessa forma, o educador problematizador se reconstrói constantemente em seu ato cognoscente na cognoscibilidade dos educandos, que se tornam investigadores críticos em diálogo com o educador que também está na posição de investigador crítico, fazendo o aprendizado autenticamente reflexivo, num ato de desvelamento da realidade (Freire, 2019a).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou analisar o pensamento freireano e destacar a importância e a necessidade de uma educação mais humanizadora que possa libertar o indivíduo de suas amarras existenciais. Para tanto, o objetivo desta pesquisa foi abordar a educação humanista e libertadora de Paulo Freire, citando algumas de suas ideias que nortearam sua pedagogia, e apontando como referência principal seu livro “Pedagogia do Oprimido”.

Como podemos perceber, neste trabalho, foram mostradas as duas vertentes de educação que Freire denominou de educação bancária e educação problematizadora. Enquanto a primeira afirma que os conhecimentos são depositados nos educandos sem questionamentos nem reflexão crítica, na segunda, o enfoque pedagógico é centrado no diálogo e na participação ativa dos estudantes com a intenção de empoderá-los para que, tomando consciência do seu estado de opressão, possam atuar transformando a realidade.

Eis a pergunta da pesquisa: como a educação pode ser humanizadora se ela estiver a serviço da opressão e exploração do indivíduo? A resposta se encontra na opção da educação problematizadora, voltada para uma educação dialógica que desperte os potenciais, o ser mais, que prepare o indivíduo para uma vida em sociedade com ética e autonomia, desenvolvendo nele a consciência crítica e a capacidade de agir no mundo; que promova a reflexão, a solidariedade e a transformação social, contrapondo-se à educação bancária, que visa à domesticação, isolada da realidade, que não formula nenhuma reflexão crítica, uma educação antidialógica e de caráter memorístico. Portanto, Freire nos encoraja a manter a esperança e a trabalhar por uma sociedade mais justa, através de uma educação crítica e transformadora, através da educação humanizadora, para a construção de um mundo melhor.

Como proposta de encaminhamento dessa pesquisa, lançamos aqui uma pergunta para refletirmos: que significa “educar” nesta sociedade atual do século XXI? De fato, esta pergunta vem sempre à mente mesmo que não saibamos a resposta. Esta pergunta traz em si muitas variáveis que, cada vez mais, avolumam-se com as já existentes. Certamente a escola formal é fruto da nossa sociedade com todas suas contradições, conflitos, guerras, pobreza, fome, desigualdades sociais, capitalismo, neoliberalismo, concentração de riqueza, inteligência artificial, internet, redes sociais, desequilíbrio ambiental, entre outros problemas.

Esses e outros são os desafios que temos para a entrada do século e temos que nos preparar para enfrentar as questões que só se agravam. Sabemos que o espaço escolar formal é muito importante para a formação do indivíduo, principalmente nos dias atuais em que os pais, tanto o pai quanto a mãe, trabalham fora de casa passando muitas horas longe dos filhos. Sabemos que o espaço formativo da escola ampliou seu potencial de ação. Mas a escola tem-

se adaptado, refletido o seu papel dentro disso tudo? Nesta realidade, como atender às necessidades dos educandos, à formação do educador, ao seu projeto político-pedagógico? Sabemos que a educação não é neutra. Os conteúdos são adaptados à necessidade e à realidade dos educandos? Também podemos nos perguntar: a escola tem condições materiais, físicas, econômicas e segurança para os educadores, educandos e funcionários para seu pleno desenvolvimento? Os professores são remunerados decentemente para enfrentar essa jornada de trabalho exigente e exaustiva?

Com tantos desafios e dificuldades que a educação brasileira apresenta, há um sério problema, possível e previsto, anunciado por vários estudiosos da educação, tanto no ensino público como no privado, que é a falta de professores. A educação está passando por uma crise muito grande que se agrava a cada ano, tornando-se uma profissão com muito poucos atrativos para os jovens, principalmente, com baixos salários e, dependendo da localização da escola, com riscos e ameaças. A estimativa é que, em 2040, faltarão 235 mil professores de educação básica no Brasil, agravando ainda mais a situação precária em que se encontra a educação brasileira (Jornalismo TV Cultura, 2025, 0:24).

Apesar disso, sabemos que é possível sonhar com uma educação pública, de qualidade para todos, que tenha um direcionamento para uma educação humanizadora, libertadora, que promova o desenvolvimento do ser mais. Sabemos que a educação é uma ferramenta poderosa para uma mudança social e transformação das pessoas. Terminaremos esta reflexão com uma frase de Freire (2019c, p. 126): “Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança”.

REFERÊNCIAS

JORNALISMO TV CULTURA, **Brasil pode enfrentar carência de 235 mil professores de educação básica até 2040, aponta pesquisa**. YouTube, 19 de fevereiro de 2025, 6min48s. Disponível em: <https://youtu.be/oS8AZJ2gJrg?si=khErWRt8EklKXeaF>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ELA: Epifanias em Linguística Aplicada. **PRÁXIS: mudando o mundo na perspectiva de Paulo Freire**. YouTube, 9 de setembro de 2024, 9min49s. Disponível em: https://youtu.be/W-TShT9ei_Q?si=9gtWOJpKWkwJ_ITW. Acesso em: 23 fev. 2025.

FEITOSA, S. C. S. **Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. 1999. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, P. O processo de alfabetização política. **Revista da FAEEBA**, Salvador, n. 7, p. 19-32, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 25. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019c.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 22. ed. São Paulo: Olho d'água, 2010.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2019.

ARTIGO 2: A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E EDUCAÇÃO: UM OLHAR FREIREANO A RESPEITO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Resumo

Este estudo tem como centralidade a ética e sua relação com a educação, entendendo que a formação docente também percorre um ato de reflexão sobre o saber-ser e o saber-fazer, que repercutem em sua própria prática educativa. Para tanto, elencamos a seguinte questão: qual é a importância da ética na formação de professores? Diante disso, este artigo tem como objetivo apresentar um estudo acerca da ética voltada à educação, explorando várias reflexões sob a ética freireana. Como proposta metodológica, realizamos uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, a partir de um estudo exploratório de artigos e trabalhos científicos em bases de dados e de obras basilares sobre o assunto. Nessa investigação, constatamos a aproximação das ideias de alguns filósofos com o pensamento de Paulo Freire, que vieram a corroborar suas ideias, dando a elas uma dimensão universal. Para tanto, distribuimos em três seções: no primeiro momento, abordamos a ética e sociedade, no segundo, a parte conceitual e como esta se insere no contexto da educação segundo Aristóteles, Kant, Vázquez. No terceiro momento, discorremos sobre a visão freireana da ética e educação. Nesse sentido, este estudo busca refletir ações para uma prática docente mais ética, para uma atuação mais consciente e madura dos professores. Daí deprendermos que pensar a formação do professor sobre o ponto de vista ético é relevante e necessário no seu processo de crescimento pessoal e profissional, pois fortalece a dimensão ética que a tarefa educativa possui.

Palavras-chave: ética; educação; formação de professores; Paulo Freire; prática docente.

Abstract

This study focuses on ethics and its relationship with education, recognizing that teacher training also involves a reflective process concerning being and doing that impacts educational practice. The central research question guiding this work is: What is the importance of ethics in teacher education? To address this question, this article aims to present a study on ethics in education, exploring various reflections within Freirean ethical thought. Methodologically, we conducted qualitative bibliographic research through an exploratory analysis of articles, scientific works from databases, and foundational texts on the subject. Our investigation

revealed connections between the ideas of several philosophers and Paulo Freire's thought, which corroborated and universalized his concepts. The study is organized into three sections: Ethics and society; Conceptual foundations and their application in educational contexts according to Aristotle, Kant, and Vázquez; Freirean perspectives on ethics and education. Ultimately, this research seeks to promote reflection for more ethical teaching practices, encouraging more conscious and mature professional conduct among educators. We conclude that examining teacher education from an ethical perspective is both relevant and necessary for personal and professional growth, as it strengthens the ethical dimension inherent in the educational task.

Keywords: ethics; education; teacher training; Paulo Freire; teaching practice.

1 INTRODUÇÃO

A educação, como a vemos na atualidade, está imbricada com questões de ordem econômica, política e social, mais do que preocupada em oferecer uma formação integral para os sujeitos, que é a sua função original. Vem-se modificando com tantos outros interesses que se servem da educação para obter seus próprios fins. Sob a égide do capitalismo e do pensamento neoliberal predominante, a educação promove um projeto social, no qual surja um novo homem que possa atender a essa demanda, esquecendo-se de que a função primordial da escola, na visão freireana, seria um processo de emancipação humana a serviço da transformação social, originando uma educação libertadora (Freire 2019a).

No contexto em que encontramos os excluídos, os menos favorecidos, tratados como uma massa de servidores (mão de obra barata), a educação deveria ser o caminho da libertação e da resistência, possibilitando que deixassem de ser objetos e de se tornarem sujeitos de seu próprio destino. De acordo com Freire (2016), deveria ser uma educação que privilegia a autonomia dos educandos e não a manutenção deste sistema cruel e injusto, que de um lado estão os que oprimem e do outro, os que são oprimidos.

Diante disso, temos interesse no estudo desta temática, que é a ética e a autonomia na formação de professores, sob a luz de Paulo Freire, pois seu legado na educação está mais atual do que nunca. Que possamos estudá-lo com seriedade para que, na compreensão de sua obra, possamos colocar sua pedagogia na práxis educativa.

Vimos, então, a necessidade de desenvolver uma pesquisa voltada para a temática da ética e autonomia na formação de professores, visto que, no momento da ação pedagógica, da

prática educativa, as questões de ordem ética se tornam presentes. Entendemos que tais conhecimentos podem melhorar a práxis, a atuação profissional, dando ao professor mais autonomia, compromisso, responsabilidade e consciência.

A ética, para Freire (2016, p. 58), está pautada no respeito e na dignidade humana, levando em consideração a sua condição ontológica, de ser mais, de ser inacabado, “o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos”. Paulo Freire não só desenvolveu um método de alfabetização para adultos, como também desenvolveu uma linha de pensamento própria, uma linha que é para a humanização do ser, para o ser mais. Isso significa que temos uma tendência para a humanização numa busca de ser mais, de conhecer a si mesmo e de conhecer o mundo. O homem é um “ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento” (Freire, 2016, p. 50). E, com a consciência do seu inacabamento, o homem cria a existência.

As discussões que abarcam a temática da ética e autonomia são complexas, mas é possível compreender ética com Freire (2016, p. 19): “falo da ética universal do ser humano; estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana”. O ser humano como ser inacabado, inconcluso, na sua interação social, histórica, política, segundo sua visão, deve atuar com respeito e dignidade, com sua presença no mundo, intervindo e transformando a si de forma ética e responsável. E acrescenta: “o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando” Freire (2016, p. 58), o respeito à curiosidade, à inquietude, às diferenças “estando respeitosamente presente à experiência formadora dos educandos”, transforma-os em “sujeitos dialógicos que aprendem e crescem na diferença” (Freire, 2016, p. 59); ele combate, assim, qualquer tipo de discriminação e transgressão ética.

Nesse sentido, esta investigação tem como objetivo contribuir com discussões que evidenciem a necessidade de uma práxis docente que forme o aluno e que o contemple na sua formação, como um sujeito ético, para que possa assumir suas responsabilidades com inteireza e compromisso.

A partir da inclusão da ética como tema transversal na educação brasileira através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados em 1997, ficou evidente que essa temática necessitaria de estudos e possíveis aprofundamentos para sua execução. Porém, na prática, isso não aconteceu com a ampliação necessária que pudesse atender à demanda. Com a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018, na sua versão final, incluindo o ensino médio, a ética é valorizada para que os princípios éticos se estabeleçam na formação dos educandos dando ênfase à liberdade, cooperação e autonomia; e que seja,

também, empregada na transversalidade, não só estando presente em disciplinas específicas, como também nas diferentes áreas do conhecimento.

O que se observa atualmente é que essa questão é mais do que urgente e fundamental do ponto de vista ético, moral, cultural, social, etc., visto que, com tantas transformações e informações que se sucedem em tempo real, não há tempo de processá-las. Com o avanço da tecnologia, com a inteligência artificial, computadores quânticos, epidemias, mudanças climáticas, inundações, deslocamentos, números alarmantes de pessoas são atingidas por questões climáticas ou guerras e, cada vez mais, incertezas e dúvidas são constantes a respeito do futuro deste planeta. A escola formal, quer seja pública ou privada, tenta sobreviver diante desta situação que é global, planetária. Castells, em seu livro “Sociedade em Rede” (2002), aborda muito bem essas questões.

Diante desse quadro, resta-nos criar condições que possam mitigar os problemas gerais que afetam a todos nós, cada um fazendo sua parte dentro de suas possibilidades, viabilizando que a educação exerça um papel preponderante neste contexto. Temos que procurar a força interior que nos fortalece e os valores que são intrínsecos ao ser humano para podermos juntos sobreviver a estes tempos difíceis com colaboração, solidariedade, respeito, ajuda mútua, etc. E isso, sem dúvida, tem um componente ético que nos aproxima uns dos outros, tornando-nos mais humanos, participativos, promovendo uma melhoria na qualidade de nossas ações, em nós mesmos e no nosso entorno.

A importância que a ética tem no contexto educacional é inegável e reforçamos aqui a concepção que Paulo Freire traz a respeito dessa temática: a responsabilidade ética, no exercício da função de professor, é um papel reflexivo e ético para que se desenvolva, com autonomia e responsabilidade, o que nos cabe desempenhar no preparo das futuras gerações.

Então, as perguntas: O que se discute sobre ética, autonomia e educação? O que a abordagem freireana traz em relação à ética e educação? Em quais aspectos essa abordagem pode contribuir para a formação docente?

Tendo como objetivo apresentar um estudo acerca da ética voltada à educação, tentamos explorar várias reflexões sob a ética freireana. Nesse sentido, faz-se necessário trazer abordagens de alguns autores de épocas diferentes sobre o mesmo tema, pois tendo este assunto uma universalidade que ultrapassa a barreira do tempo, almejamos enriquecer e tornar mais esclarecedor o papel da ética na educação. Como proposta metodológica, realizamos uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, a partir de um estudo exploratório de artigos e trabalhos científicos em bases de dados e de obras basilares sobre o assunto.

Ao refletirmos sobre os conceitos de educação e ética, torna-se necessário retornarmos

a nossa matriz cultural que é a Grécia e os ideais de educação e formação que são marcos fundantes dos valores que orientam nosso modo de ser e de existir. Sendo assim, neste estudo, temos três seções em que tecemos algumas considerações sobre a ética na educação e sua repercussão no indivíduo que, por sua vez, tece o conjunto da sociedade.

Procuramos, portanto, organizar este artigo de maneira a apresentar inicialmente uma abordagem da ética na sociedade com uma contextualização geral do assunto, depois a parte conceitual da ética sob a luz de alguns filósofos como Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) (2007, 2022), Kant (1724-1804) (1999, 2019), Vázquez (1915-2011) (1999). E, por último, damos ênfase à visão de Paulo Freire sobre o tema, utilizando principalmente o seu livro “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente” (2016).

2 ÉTICA E SOCIEDADE

A vida se constitui num contexto cultural, ético, histórico e social, onde o homem nasce e cresce em sociedade, portanto em grupo. Sem dúvida, também não podemos deixar de dizer “que o homem é por natureza um animal político”. Como também, “o homem é o único entre os animais a ter a linguagem [logos]”, Aristóteles. Isso o destaca dos outros animais.

O homem vive em um contexto social, isto é, em sociedade e, portanto, necessita de algumas regras e normas para o bom viver em grupo. Estas regras são criadas em diferentes culturas, sociedades e civilizações para que o convívio humano não se torne caótico. Todavia, muitas mudanças bruscas vêm acontecendo intensamente. Se pensarmos no que ocorreu nos últimos cem anos, verificaremos notórias transformações.

No início do século, a ciência nos brindou com o conceito de relatividade de Einstein, depois com a física quântica; tivemos a primeira guerra mundial de 1914-1919, a revolução soviética de 1917, a queda da bolsa de valores de Nova York em 1929. No desenvolvimento tecnológico, após a segunda guerra mundial de 1939-1945, a corrida espacial, a guerra fria, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a independência das nações asiáticas e africanas, o surgimento do computador, etc. Foram mudanças que ocasionaram o surgimento de um novo homem e conseqüentemente de uma nova sociedade, marcada por novas formas de agir e de pensar (Carvalho, 2008).

Segundo Ortega y Gasset, surge um novo homem que ele chamou de homem de massa, produto de valores e culturas que nasceram de acordo com o seu tempo. Um homem que representa as mudanças ocorridas ao longo do século XX, período pós-moderno, resultado de uma revisão aprofundada que se iniciou na primeira metade do século. Mais preocupado

consigo mesmo, individualista, consumista, hedonista, atraído pelas novidades, fútil, recusa compromisso de longo prazo, deseja adentrar no prazer sensível (Carvalho, 2008).

O homem se tornou consumista de bens materiais em níveis altíssimos em sua busca desenfreada por puro prazer. Assim a sociedade produz bens, tecnologia e conhecimentos e o homem vivencia um distanciamento de si mesmo. Conservar valores centrais da cultura não quer dizer que não haja mudança. A questão é que as transformações se sucederam de maneira exacerbada e retiraram os elementos centrais que norteavam a vida como: a família que se desestruturou; o trabalho que não há mais para todos com as crescentes novas tecnologias, como exemplo, a inteligência artificial; os amigos já não mais se veem tanto e sua relação se estabeleceu mais pelos aplicativos de mensagens; a distração agravada nas redes sociais; e a religião perdeu espaço (Carvalho, 2008).

Ao mesmo tempo que estamos preocupados com o cuidado com o corpo e a beleza física, com o consumo e o prazer rápido, com as redes sociais, desconstruímos o sentido para viver; não temos um projeto de vida. Esta vida consumista e imediatista traz como consequência a exaustão dos recursos naturais do planeta, efeito estufa, extinção de várias espécies de animais e vegetais, buraco de ozônio na atmosfera, desertificação de várias regiões do planeta, desmatamento, poluição dos rios e oceanos, gerando o desequilíbrio ecológico e ameaçando a vida e o futuro do planeta.

Mas com tudo isso, se não pensarmos em mudar o curso dos acontecimentos, redimensionarmos nossos valores, se não ponderarmos que estamos caminhando para um abismo e que é necessário agirmos para evitar a autodestruição, para onde vamos?

A educação tem um papel muito grande nesse redirecionamento. Faz-se urgente uma educação de valores que possa contribuir com uma formação humana que esteja aliada à educação de conteúdo para que esses desvios possam ser corrigidos. A proposta freireana em educação se baseia segundo

[...] em princípios democráticos e inclusivos, comprometidos com um processo de formação solidária e emancipadora para o ser mais humano com os outros. Em contraponto, a proposta tecnicista¹, que predomina a atualidade, estimula a competição e o individualismo, atrofia a criatividade e busca cumprir a necessidade do mercado (Fortuna, 2015, p. 77-78).

¹ O método tecnicista se alimenta de um modelo de educação empresarial, com o intuito de enquadrar os processos educativos dentro do contexto de sociedade tecnológica e de indústria. Seu objetivo, estar em suprir as necessidades do mercado de trabalho. Busca a formação de sujeitos aptos a atenderem as demandas do capital Fortuna (2015, p. 78).

Por isso a importância de uma educação humanizadora através de uma ética da solidariedade, que tenha como centralidade a justiça. Uma sociedade sem ética, e sem a solidariedade pode ser gestada de maneira mecânica, nunca humana. A ética do ser humano, como práxis educativa nos conduz aos processos pedagógicos e sociais, que nos dirige à luta por igualdade social, uma vida digna e pela transformação de um mundo melhor. Por isso, que os espaços de formação podem fazer a diferença de maneira democrática e coerente fazendo valer parâmetros epistemológicos éticos, que direcionados possam preparar os sujeitos para o exercício pleno da cidadania (Fortuna, 2015).

A sociedade em sua experiência histórico-cultural cria suas normas e, em harmonia com elas, vivencia momentos de conforto, pois, caso contrário, entra em crise. Esses períodos de maior ou menor conforto se repetem na história. As políticas educacionais também estão em um processo de globalização, tendo por objetivo a economia de mercado, permitindo que a educação se volte para as demandas do consumo e não para a formação do ser. E, assim, cada vez mais, as questões se agravam quer seja do ponto de vista do meio ambiente quer seja da existência do homem.

Segundo Sanfelice (2000, p. 11), as políticas educacionais hoje passam por influências tais como:

[...] é visível que a teoria do capital humano continua sendo a grande orientadora das ações. É uma teoria que incorpora a lógica do mercado e, no fundamental, a função da escola é formar recursos humanos para a estrutura da produção. O sistema educacional deve responder à demanda do mercado. Além do mais a educação está destinada a formar as elites de poder ou a dar a cada um o que sua função social lhe destina.

Valores universais tais como liberdade, justiça, igualdade, fraternidade, solidariedade são as maiores referências. Em uma sociedade capitalista que se encaminha em direção contrária com suas práticas neoliberais, conduz a uma sociedade com profundas injustiças sociais (Sanfelice, 2000, p. 12).

3 ÉTICA E EDUCAÇÃO

Sabemos que a educação visa a preparar o sujeito para a vida social, este fim proclamado serve como atributo do ato educativo instituindo-se como um parâmetro universal dos fins da Educação. Esse parâmetro nos leva a outra discussão equivalente: o de ensinar os indivíduos para o exercício da cidadania (Rodrigues, 2001).

Como dito acima sobre os fins da educação, podemos constatar que a ação educativa é um processo frequente, desenvolvido em todas as sociedades humanas, que visa a instruir as crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento para desempenhar papéis sociais referentes à vida coletiva, à reprodução das condições de trabalho, ao comportamento íntegro na vida pública e atuação com responsabilidade e competência dos conhecimentos adquiridos. Neste enfoque, desenrola-se o grupo das ações educativas a ser realizadas pelos sujeitos educadores, entre eles a escola (Rodrigues, 2001, p. 235).

Segundo Rodrigues (2001, p. 234), podemos dizer que o fim proclamado da educação na sua ação educativa estaria visando a preparar os indivíduos para a vida social. Segundo ele, instituiu-se como um parâmetro universal, podendo esse parâmetro também ser analisado como o de formar os indivíduos para o exercício da cidadania.

Para tanto, Rodrigues (2001, p. 235) enunciou esta hipótese:

A aquisição de conhecimentos e a sua utilização prática na forma de habilidades tornaram-se, ao longo dos últimos dois séculos, nos fins e meios para todas as atividades educacionais nas sociedades modernas e constituem em instrumentos fundamentais a serem possuídos por cada indivíduo na sociedade. O modo de aquisição e de distribuição desses conhecimentos e habilidades se constituiu em paradigma que organiza todos os processos educativos, e estabelece o grau de responsabilidade para sua implementação por parte do poder público ou da iniciativa privada, nos planos individuais e coletivos, particulares e universais. No interior desse paradigma, as ideias de Educação e de Educação Escolar se fundem e estabelecem limites conceituais sobre os quais se constroem os discursos reflexivos sobre os conteúdos da Educação, bem como sobre os objetivos e os meios das políticas educacionais.

Essa hipótese norteia a educação em geral, principalmente as práticas educativas que são realizadas na educação escolar. As relações práticas da educação são vinculadas com as demandas da vida política, social, coletiva e individual em que se mostra a Educação como um meio fundamental para a formação do sujeito-cidadão. Por isso, a questão da cidadania é uma questão primordial (Rodrigues, 2001).

No mundo moderno, a Educação escolar prima pela preparação dos indivíduos para o exercício da cidadania. Isso está presente nas entrelinhas no Relatório Condorcet, aprovado na Assembleia Francesa, em 1792 e como princípio da Educação brasileira nos termos do artigo 205 da atual Constituição, no artigo 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dentre outros textos legais e normativos da Educação brasileira (Rodrigues, 2001).

[...] o conceito de cidadania resulta de uma função social – a prática da cidadania – onde o seu significado emerge. Similar a todo conteúdo semântico,

ele só é plenamente compreendido na relação com a vida social. Por seu lado, é o ato concreto do exercício da cidadania que dá sentido ao termo cidadão. Portanto, cidadania é um atributo aplicado ao cidadão e, mais importante ainda: recebe sua legitimidade na ação educativa (Rodrigues, 2001, p. 236).

A educação assume essa função quando fornece aos educandos as ferramentas necessárias e apropriadas. Tais ferramentas são importantes na medida em que forem descritos os meios educacionais que viabilizarão que todos os indivíduos se apropriem da organização e distribuição de conhecimentos, preparação para o mundo do trabalho, aquisição do desenvolvimento tecnológico e atuação crítica na vida política (Rodrigues, 2001, p. 236).

Educar constitui-se em acionar os recursos intelectuais de cada estudante para que seja capaz de desempenhar o total uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para dirigir a continuidade de seu próprio processo formativo. Este é um dos requisitos para que ele se desenvolva como sujeito livre e independente daqueles que o geraram. A educação deve oferecer a cada ser a capacidade de autodirigir o seu processo formativo individual (Rodrigues, 2001).

A educação compreendida como processo de formação humana, estende a capacidade do homem para olhar, perceber e entender as coisas, para se identificar na percepção do outro, criar sua própria identidade, diferenciar as igualdades e desigualdades entre si e o mundo das coisas, entre si e outros sujeitos (Rodrigues, 2001).

Então, educar necessita uma preparação qualificada que prepare o educando intelectual e materialmente para que possa aproveitar e usufruir essa gama de experiências e de trocas com o mundo no qual vive. E isso é função do Educador (Rodrigues, 2001).

Quando abordamos a ética, lembramos de virtudes, conduta, valores, discernimento, respeito e dignidade entre tantas qualidades que almejamos como seres humanos. Principalmente, nos dias atuais, experimentamos uma carência dos valores que dignificam o homem. Este trabalho de pesquisa propõe revisitarmos o tema da ética voltado ao âmbito da educação e discutirmos alguns de seus aspectos.

Para ampliarmos a discussão a respeito de ética e educação, trazemos a concepção de ética à luz de alguns filósofos como Aristóteles (2007, 2022); Kant (1999, 2019) e Vázquez (1999).

3.1 Ética na perspectiva de Aristóteles

A questão da ética vem sendo discutida desde a antiguidade clássica com os filósofos

gregos. Iniciou-se com Sócrates, mas foi Platão, seu sucessor, que escreveu o livro “A República”, em que relatou alguns diálogos de Sócrates. Platão também escreveu os seguintes diálogos: o Político, o Filebo, o Timeu e as Leis que são os estudos mais significativos da ética platônica. Deparamo-nos, ao preparar esta pesquisa, com uma citação de Platão que nos afirma que a educação ética tem o seu início no colo da mãe:

Pois tão logo a criança consegue entender o que é dito a ela, sua ama e sua mãe, seu mestre e o seu próprio pai esforçam-se por torná-la tão boa quanto for possível, ensinando e mostrando a ela através de cada palavra e ato que isso é direito e aquilo errado, isso é bom e aquilo mau, isso sagrado e aquilo profano, `faça isso` e `não faça aquilo` (Platão, 1980 apud Cunha, 2003, p. 53).

Aristóteles, discípulo de Platão, escreveu “Ética a Nicômaco”, defendendo o lugar da felicidade como bem supremo: “A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo [...]” (Aristóteles, 2007).

O pensamento aristotélico é muito importante dentro do estudo da ética. Não se pode falar desse assunto sem citá-lo. Foi o grande sistematizador da ciência ocidental, dividindo-a em ciência teórica, prática e poiética, e o fundador da ética como ciência prática; seu livro mais importante é “Ética a Nicômaco”.

Opondo-se a Platão, que defendia a ética como ciência teórica, Aristóteles acredita na tese que a formação ética depende da prática, apontando que “[...] a verdadeira finalidade não é a busca dos princípios e o conhecimento das regras em geral, mas sua real aplicação. No que se refere à virtude, tampouco pode ser suficiente saber o que ela é; é preciso, além disto, esforçar-se em possuí-la e colocá-la em prática [...]” (Aristóteles apud Valle, 2001, p. 183).

Segundo Aristóteles (2022, p. 39), as virtudes são “de dois tipos, uma intelectual e outra moral; a virtude intelectual depende mais do ensino, quer em sua origem” e desenvolvimento, “ela precisa da experiência e tempo”. A virtude moral (ethike) origina-se do hábito e dos costumes; e é proveniente do termo costumes (éthos) que sofre uma pequena mudança ficando com o nome de moral, utilizado atualmente.

Esta proposição de que a formação ética não provém de ensinamentos desenvolvidos e teóricos, mas sim da prática, vem a ser defendida por Aristóteles. Segundo Protágoras, essa formação prática através “[...] da imitação de modelos e também pelo exercício continuado dos valores – deve ser tarefa de toda a sociedade [...]”, quer dizer que cada cidadão pode ser dado como modelo, tornando “a prática social em um exercício de cidadania”. Quer dizer, uma forte unidade manifeste na comunidade, como também a igualdade ética de todos os cidadãos (Valle,

2001, p. 181).

[...] os valores inculcados nas crianças são rigorosamente comuns ao conjunto dos cidadãos. Eles são comuns, segundo o modo de partilha igualitária que Hermes executa, sob os conselhos de Zeus. Cada cidadão recebeu o sentido da justiça e da probidade como herança, e esta igualdade moral de todos os indivíduos faz, do relato de Protágoras, um mito fundador da democracia (Canivez, 1996 apud Valle, 2001, p. 181).

Esse relato é tido como o “mito fundador” da democracia, declara a igualdade política dos cidadãos: segundo ele, todas as qualidades humanas necessárias para a participação na política (tomada de decisões no governo da pólis) são comuns a todos os cidadãos. O poder político não deve ser dividido nem tampouco ser exclusivo aos considerados melhores ou a qualquer tipo de “especialistas”, mas, o poder político deve ter a participação de todos os cidadãos igualmente (Valle, 2001, p. 181).

Envolvido com a vida da pólis, e admirável observador da sociedade em que vive, Aristóteles não crê que o conhecimento seja suficiente para a formação ética, como defende Platão. A reflexão abstrata sobre o que é o bem, o que é a verdade, sobre o que é “a virtude é vã, quanto inútil o conhecimento exato de como proceder em uma situação, se não vem acompanhado da ação” (Valle, 2001, p. 183).

Aristóteles acredita que o conhecimento por si só não basta, portanto, é necessário colocá-lo na prática, na ação, transformando-o em virtude. Como Protágoras, o filósofo concorda que, exercendo uma função eminentemente política, a educação visa ao aprimoramento dos cidadãos. Em uma sociedade democrática todos os cidadãos devem participar do governo, e é nesta atuação na prática, contando com cada um deles, que dependerá toda a sociedade (Valle, 2001, p. 183).

Sabemos que a educação é um fator primordial na vida do indivíduo, do cidadão, e conseqüentemente de uma nação e que, sem dúvida, sua principal tarefa é a formação ética de seus cidadãos em uma democracia em que se possa atuar integralmente na vida comum, buscando refletir e decidir sobre o que é a felicidade de todos (Valle, 2001, p. 185).

A educação vem para potencializar e tornar possível a participação, a integração dos cidadãos na sociedade tornando-a mais democrática, com tomada de decisão com consciência, fazendo com que se crie uma sociedade mais justa e igualitária. Eis por que a formação ética dos cidadãos é de suma importância ao buscar o bem comum.

Segundo Aristóteles, essa educação constitui um benefício do Estado para com seus cidadãos, “[...] é bom que as coisas que interessam a toda a comunidade sejam objeto de um

exercício comum” (Aristóteles, VIII apud Valle, 2001, p. 185), antecipando a obrigação educativa que somente aconteceria séculos mais tarde com a criação da Escola Pública.

3.2 Ética na perspectiva de Kant

Immanuel Kant nasceu em 1724, em Königsberg, localizada na parte oriental da Prússia, e morreu em 1804. Viveu a vida toda na sua cidade natal, sem nunca ter viajado, nem casado. Provinha de uma devota família luterana; tinha uma vida restrita e costumes rígidos e era conhecido por sua pontualidade exata.

Segundo Kant (2019, p. 9), “O homem é a única criatura que tem de ser educada. Por educação compreendemos os cuidados (alimentação, subsistência), disciplina e instrução juntamente com a formação”. Os animais, em sua grande maioria, precisam de alimentos, mas não de cuidados; o que ocorre com o homem é que, além da alimentação, necessita de cuidados até certa idade e de ser orientado e educado para que possa sobreviver.

Por essa razão, Kant se torna um defensor da educação, um processo que está associado com a moral, acreditando que “uma educação pública completa é aquela que une instrução e formação moral” (Kant, 2019, p. 22).

A educação aponta a disciplina como um fator de transformação da animalidade para a humanidade. Isso porque, segundo Kant, “O homem só se pode tornar homem através da educação” (Kant, 2019, p. 12). Kant acredita que a educação desenvolve as potencialidades da natureza humana podendo chegar à perfeição (Kant, 2019, p. 12).

Ainda, segundo Kant (2019), educar é uma arte que vem se aprimorando a cada geração. É um processo que educa o indivíduo para a liberdade, possibilitando que, através da educação, o homem se liberte de seu estado bruto.

O homem tem predisposição para o bem, porém tem que ser iniciado por uma educação que o ajude a desenvolver essa predisposição, afirmando que “uma boa educação é justamente aquilo donde brota todo o bem no mundo!” (Kant, 2019, p. 17). Segundo ele, quando o homem nasce não carrega consigo a compreensão necessária para viver em sociedade, obtendo-a através da educação. O indivíduo ao nascer necessita um plano de conduta. Entretanto, o homem é livre e as formas de educá-lo colaboram, porém não garantem por inteiro seu caminho. Portanto, é preciso orientá-lo em direção ao desenvolvimento da razão e do esclarecimento que ajudam cada indivíduo a perceber-se como humanidade.

Kant, no seu livro “Sobre a Pedagogia”, aponta duas etapas: a primeira que denominou de educação física que aborda os cuidados do corpo e a segunda que denominou de educação

prática ou moral. A educação foi dividida em: a) cultura escolástica ou mecânica relacionada com a habilidade; b) formação pragmática que se reporta à prudência; c) cultura moral que se refere à moralidade. “Da formação escolástica, ou da instrução, estar habilitado a conseguir todos os seus fins” (Kant, 1999, p. 35). A formação da prudência oferece a preparação para constituir-se em um cidadão. A formação moral dá um valor que se aplica para toda a humanidade.

A formação moral é baseada em princípios que o homem deve reconhecer e exercitar desde o início. A moralidade se refere ao caráter e amplia; “se se quer formar um bom caráter, é preciso antes domar as paixões” (Kant, 1999, p. 86). Para tal, para consolidar “o caráter moral das crianças”, é necessário “ensinar-lhes, da melhor maneira”, com “exemplos e regras, os deveres a cumprir”. Segundo Kant, são aqueles deveres cotidianos que as crianças têm com respeito a si mesmas e aos outros (Kant, 1999, p. 89).

Kant nos diz quais são esses deveres:

Deveres para consigo mesmas. [...] no vestir e no comer deve-se buscar a conveniência. [...] conservar uma certa dignidade interior, a qual faz do homem a criatura mais nobre de todas; é seu dever não negar em sua própria pessoa essa dignidade da natureza humana (Kant, 1999, p. 89).

Kant discorreu sobre a educação que é pertinente no começo aos cuidados e depois à disciplina. Tais concepções estão se referindo à educação do corpo ou física que considerou de um caráter negativo e positivo. Nesse primeiro momento, segundo Kant, teria um enfoque na disciplina do corpo, e, desse modo, transformando o que chama de animalidade em humanidade. No entanto, a instrução corresponde à parte positiva, que pretende elaborar as habilidades (ler e escrever) (Zeni, 2010).

Na educação prática, a educação trabalha para que o indivíduo torne-se prudente, portanto, a educação deve tratar da moralização. Que além da disciplina, cultura, prudência, a moralidade aparece como o quarto elemento dentre os elementos antecedentes. Kant enuncia que, no primeiro período, o educando deve possuir obediência passivamente, no segundo é permitido utilizar a reflexão e a sua liberdade. Somando a disciplina e a liberdade, Kant apresenta uma educação com fins à moralidade. Por conseguinte, através da educação moral, a criança atinge seu caráter de sujeito livre e autônomo (Pinheiro, 2007 *apud* Zeni, 2010, p. 53).

Pinheiro (2007) faz um esclarecimento da educação na filosofia de Kant em seu livro “Sobre a Pedagogia”.

Segundo podemos perceber na sequência das afirmações de Sobre a Pedagogia, a razão cumpre a tarefa de diferenciar o homem dos outros seres; entretanto, ela não vem acabada, pronta. É necessário um longo caminho para que a razão possa cumprir a totalidade de sua tarefa. Por isso, a educação ocupa um espaço tão importante em toda a filosofia de Kant, já que o mais importante fator diferencial do homem, a razão, necessita de um processo educacional para o seu desenvolvimento (Pinheiro, 2007, p. 33).

Immanuel Kant deu grandes contribuições à ética também. A ética, para Kant, está na razão pura. A ética é movida pela razão em uma ação do bem, respeitosa, que tenha seus limites e saiba viver em sociedade.

3.3 Ética na perspectiva de Vázquez

A ética é formada por um conjunto de valores que fundamentam a moral; surgiu com os gregos e, ao mesmo tempo, que é uma discussão antiga, é também muito atual.

Os problemas éticos identificam-se pela sua generalidade, o que os difere dos problemas morais da vida do dia a dia que são os que se mostram nas situações concretas. Porém, a solução dada é a ética que influencia na moral vivida, principalmente quando se refere não a uma ética absolutista, apriorística ou exclusivamente especulativa (Vázquez, 1999).

Segundo Vázquez (1999), a ética pode colaborar para fundamentar ou explicar certa maneira de comportamento moral. Por exemplo, se a ética mostra uma associação entre o comportamento moral e as necessidades e os interesses sociais de um determinado grupo social, ela poderá ajudar na formulação da moral efetiva, no traço dos seus princípios e normas que possuam validade universal.

A ética tem uma relação com as ciências sociais, como a antropologia social e a sociologia que estudam o comportamento do homem como ser social a partir de determinadas relações. “A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, porém considerada na sua totalidade, diversidade e variedade” (Vázquez, 1999, p. 21). O que nela se assegure sobre o fundamento das normas morais deve prevalecer para a moral da sociedade grega, como para a moral da sociedade romana, ou até mesmo para a moral de qualquer comunidade humana contemporânea. O valor da ética como teoria está no que explica e não no que defende ou alega com fins à ação em circunstâncias concretas (Vázquez, 1999).

Dessa maneira, devido a seu caráter prático de disciplina teórica, buscou-se na ética uma disciplina normativa, cuja função primordial seria a de mostrar o mais adequado

comportamento do ponto de vista moral. Porém a designação da ética como disciplina normativa pode conduzir a olvidarmos seu caráter propriamente teórico. O ético passa, então, a ser como um tipo de legislador do comportamento moral dos indivíduos ou da comunidade. Contudo a função primordial da ética se constitui a mesma de toda teoria: explicar, esclarecer ou investigar uma delimitada realidade, formulando os conceitos correspondentes (Vázquez, 1999, p. 20).

A ética parte do fato da existência da história da moral, isto é, toma como ponto de partida a diversidade de morais no tempo, com seus respectivos valores, princípios e normas. Como teoria, não se identifica com os princípios e normas de nenhuma moral em particular e tampouco pode adotar uma atitude indiferente ou eclética diante delas. Juntamente com a explicação de suas diferenças, deve investigar o princípio que permita compreendê-las no seu movimento e no seu desenvolvimento (Vázquez, 1999, p. 22).

Segundo Vázquez (1999), a ética é a ciência que estuda a moral visando ao comportamento humano. Não se pode equivocar em relação a isto, a teoria com o seu objeto: o mundo moral. Sendo assim, “a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano” (Vázquez, 1999, p. 23). A definição de ética dá uma visão científica dos problemas morais, almejando a racionalidade e objetividade. Tal visão científica dos problemas morais ainda está muito incipiente afirmando mais presentes as éticas especulativas tradicionais e as atuais de inspiração positivista (Vázquez, 1999).

A ética pretende descobrir os princípios gerais levando em consideração a experiência histórico-social no campo da moral. “A moral não é ciência, mas objeto da ciência; e, neste sentido, é por ela estudada e investigada” (Vázquez, 1999, p. 24). Então, podemos concluir que a ética não é a moral e por isso não pode ser limitada a um conjunto de normas e regras (Vázquez, 1999).

A moral é, por sua vez, “[...] um conjunto de normas, aceitas livre e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens” (Vázquez, 1999, p. 63).

Ética e moral estão relacionadas entre si, porém, não podemos confundi-las, apesar de ambas abordarem o comportamento e a conduta humana em grupo na sociedade. A ética procura determinar princípios, regras básicas, condutas ideais, que sirvam para o ser humano, em qualquer lugar, tendo assim, um sentido universal. A ética tem como estudo as condutas do bem, da liberdade, igualdade, direito, respeito e justiça. Já a moral são normas, regras estabelecidas pelos costumes de determinados grupos, de determinadas nações. Na relação entre

as duas, a ética é a ciência específica e a moral o seu objeto.

3.4 Alinhando os conceitos

A partir das discussões apresentadas pelos autores, podemos pensar que a ética e a educação andam juntas, no contexto formativo do ser humano em busca de sua humanização e liberdade. É um tema que foi estudado, através das mais variadas épocas, por filósofos e educadores e o tema não se esgota. Começemos por Aristóteles que pensa em vários aspectos diferentemente de Platão. “A ciência aristotélica é a ética aplicada e não a ciência abstrata” (Nodari, 1997, p. 385). Não concorda com o método matemático de Platão. E é uma ética do bom senso, criada nos juízos morais do homem que possa acreditar-se, em maioria, bom e virtuoso.

A construção teórica da moral kantiana afirma-se na ação moral que se orienta pelo sentido do dever prescrito pela razão e, para almejar o sentido desta moral racional, (transcendental) é preciso acompanhar a evolução conceitual da ideia de dever na sua obra seminal, a “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” (1785), em que se encontram dois outros conceitos essenciais para a formação da ação moral que são a boa vontade e o imperativo categórico.

Vázquez (1999), acredita que a ética é uma ciência que se relaciona com as ciências sociais, que o comportamento moral é a forma específica do comportamento do homem em seus variados planos quer seja psicológico, social, jurídico, religioso e estético.

Paulo Freire, junto com outros, desenvolveu um movimento de educação de base, e com seu método (Método de Paulo Freire), centralizou seu pensamento, suas ideias educativas em seu livro “Pedagogia do Oprimido”. Foi com a alfabetização para jovens e adultos e a educação popular que destacou a importância do surgimento de uma consciência coletiva na classe menos favorecida, trabalhadora, sobre sua realidade, com uma pedagogia libertadora, que pudesse estruturar uma sociedade mais justa.

Para melhor compreendermos, elaboramos um quadro síntese do conceitos:

Quadro 2 - Síntese da concepção de ética.

Autores	Síntese do conceito de Ética na Educação
Aristóteles	Defendia que a formação ética depende da prática, da busca dos princípios, e sua verdadeira finalidade está na real aplicação.
Kant	A ética para Kant está na razão pura prática.

Vázquez	É a ciência que estuda o comportamento moral dos homens na sociedade. Tem como objeto de estudo a moral.
Freire	A ética está pautada no respeito e na dignidade humana, levando em consideração sua condição ontológica, de ser mais, de ser inacabado.

Fonte: elaborado pela própria autora.

A ética é um arcabouço teórico que se vai construindo junto com as relações sociais, retratando os padrões de comportamento dentro de uma referida comunidade. A importância da ética na educação se dá na medida em que a escola, como espaço formativo do indivíduo, trabalha na sua formação ética desenvolvendo nele valores como respeito, justiça, solidariedade, autonomia e outros.

No seu trabalho diário, o professor, muitas vezes, tem de tomar decisões rápidas em sala de aula que nem sempre possuem a clareza necessária, agindo conforme seus valores e crenças e, na maioria das ocasiões, não as reconhece como um dilema ético.

4 ÉTICA E EDUCAÇÃO, UMA VISÃO FREIREANA

Para Freire, não se pode pensar sobre educação sem fazer uma reflexão sobre si mesmo. “Este estudo filosófico-antropológico [...] sobre nós mesmos, encontramos na natureza do homem [...] um núcleo fundamental onde ocorre o processo de educação”. (Freire, 1988, p. 27). Este núcleo ao qual se refere seria o inacabamento ou a inconclusão do homem (Freire, 1988, p. 27). Freire defende a inconclusão do ser como uma eterna busca que o homem tem para se completar na sua infinita incompletude. Por isso, há necessidade do processo educativo para direcionar e conduzir essa busca, propiciando tanto o preenchimento dessa busca, como também moldando esse ser na sua interação com o mundo. Com o descobrir e redescobrir de si mesmo e do mundo, o homem vai-se recriando a cada instante e se constituindo mais ele próprio, descobrindo seu potencial e qualidades, acreditando em si mesmo, podendo, nessa ampliação e visão de mundo, inserir-se no contexto social e histórico ao qual pertence.

A educação no sentido de finitude na infinitude que o homem busca, torna-o sujeito dessa ação, que é a educação. Portanto, podemos dizer que o homem não é o objeto dessa ação, logo, ninguém educa ninguém, segundo Freire (1988).

Em todo homem existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inconclusão do homem. A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve

este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos (Freire, 1988, p. 32).

Este impulso criador inerente ao homem faz com que ele interaja com o meio, enfrentando as dificuldades impostas pelo ambiente, desafiando-as, e fazendo-o crescer e se desenvolver nas suas múltiplas habilidades, qualidades nele já existentes.

Primeiramente vamos destacar o que para Freire é ser ético nessa dimensão que se fundamenta no diálogo a começar de sua substantividade democrática que se mostra com uma radicalidade coordenada de ampla abertura múltipla. Esta abertura múltipla, quer seja, a si mesmo, ao outro, ao mundo, constitui-se de uma exigência ético-normativa diante da essência humana. Não é um caráter abstrato, transcendental e sim caráter específico que se posiciona no tempo e espaço (Nunes, 2011).

O pensamento freireano a respeito da natureza humana segue na historicidade e aflora diretamente em sua presença no mundo e, por conseguinte, a consciência de ser inacabado, percebe-se enquanto possibilidade de ser mais (Nunes, 2011). Na conduta e atividade do professor está presente a ética. E, em relação a essa temática, o autor esclarece que “[...] tudo isso nos traz de novo a imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética”. Trazendo “à radicalidade da esperança”. Freire (2016), acredita que o processo da educação é uma maneira de intervenção no mundo criando uma forma “inteligir o mundo” e uma “necessária comunicabilidade do inteligido” já não é possível existir sem estar “disponível à tensão radical e profunda entre o bem e o mal, entre a dignidade e a indignidade, entre a decência e o despudor, entre a boniteza e a feiura do mundo” (Freire, 2016, p. 52).

Para Freire (2016), sua concepção ética é, sobretudo, uma pedagogia baseada no respeito e dignidade associada à autonomia dos sujeitos. Isso vai-se confrontar com a ética manifestada pelo mercado que leva os indivíduos a ter uma conduta individual e competitiva. Sua visão ética está vinculada à solidariedade e é inseparável da relação e o convívio humano.

A ética que Freire (2016) acredita é a ética universal do ser humano. A ética do respeito pela diferença quer seja cultural, de cor, de sexo, de classe social, e outras, para que num contexto social e histórico, o educando possa conviver em harmonia, e, em seu ambiente escolar, ser estimulado na sua transformação em um ser mais.

Na obra “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, Freire (2016, p. 96) ressalta que “a educação é uma forma de intervenção no mundo”; quer dizer que a educação, ao estimular o participar e o interagir, torna-se inclusiva, presente, viva, atuante no processo em que o educando vivencia e experimenta o ser mais, com os altos e baixos da

existência.

Na dualidade das forças, temos que escolher sempre, sem dúvida, a ética que é a guia de nossas escolhas para ajudar no caminho individual e profissional que percorremos. Não podemos nos descuidar da nossa “responsabilidade ética” como educadores. Na interação com o mundo, como seres éticos, na ação da educação, temos a capacidade de embelezar o mundo, de empreender grandes ações, de dar exemplo vivo de construção de um mundo melhor.

Nesse estágio de inacabamento, consciente de que sou um ser inacabado, histórico e cultural, “ensinar exige consciência do inacabamento” (Freire, 2016, p. 49-50) Sendo assim, aceito-me como sou na minha incompletude, no ponto que me encontro evolutivamente. E, conscientemente na minha jornada, procuro o que me complementa, sabendo que não irei completar-me, pois a incompletude é um fator intrínseco ao ser humano. E a educação vem ajudar a preencher essa lacuna, mas não totalmente. Enquanto há vida, há aprendizado; eis aí o nosso inacabamento.

Freire, ao discutir sobre os saberes docentes necessários para o processo de ensino, salienta que é relevante “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2016, p. 47). Quando me aproprio do conhecimento, interpreto e analiso o que absorvi, fazendo minha própria interpretação, recriando; dando significado ao que incorporo, o conhecimento ganha outro sentido. Vou ampliando minha visão de mundo, qualquer que seja, ressignificando-o, dando-lhe um novo senso de valor. É um processo contínuo e acumulativo, interno e formativo que me constitui como ser humano. O sentir de inacabamento é muito importante para o educando, pois o faz sair da zona de conforto em busca do aprender, do crescer em ser mais, conquistando um lugar no seu contexto histórico, político, social e cultural.

Pode-se dizer que a mudança é algo inevitável, mesmo que não tenhamos clareza dela. O tempo todo aprendemos e o tempo todo, conseqüentemente, mudamos, pois acrescentamos algo dentro de nós. É um processo natural, constante, crescente e intrínseco. O papel do educador é de uma responsabilidade ética, social, política, cultural muito grande. O professor detém o poder de construir um novo status quo como também de manter o status quo do aluno, não o encorajando a evoluir, quando acredita que, no meio de tantas vicissitudes, não vale a pena o esforço. Mas sempre vale; é só pensar que ele está lidando com a formação de várias crianças e jovens que serão o futuro de uma sociedade, de uma nação, que está sendo construída no momento presente e que ele, o educador, faz parte dessa construção.

Quando falamos da mudança, também somos responsáveis por ela se estamos atentos em nos transformar. Somos agentes de transformação do mundo; podemos agir em nossa sala

de aula, acreditando no que estamos fazendo e levando esperança para os alunos. Freire pontua que, muitas vezes, um simples gesto do professor para seu aluno tem um significado que não podemos imaginar; por isso a importância da atenção para com eles; um gesto gentil, encorajador, pode ter mais valor que qualquer nota.

Freire, ao discutir sobre o processo educativo, evidencia seu carácter formador, que não pode, portanto, estar fora e sim fazendo parte dos conteúdos, “se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando” Freire (2016, p. 34-35). O respeito à natureza humana é essencialmente ético e também perpassa pelos conteúdos indo somar-se à conduta ética na formação moral.

Em relação ao estudo da moralidade, temos dois importantes representantes que deram grandes contribuições com seus estudos sobre o tema; Jean Piaget e Lawrence Kohlberg criaram e estruturaram a abordagem cognitivo-evolutiva do desenvolvimento moral. Piaget realizou estudos sobre a teoria do conhecimento, como surgiu e como se desenvolveu, escrevendo “Epistemologia Genética”.

Em mais dois livros, “A formação do símbolo na criança” (1945) e “A equilibração das estruturas cognitivas” (1975), Piaget afirma que “o conhecimento é construído a partir da interação do sujeito e suas estruturas mentais com o meio” (Silva; Martins, 2022, p. 46). Também o estudo sobre a formação da inteligência contou com sua expressiva colaboração na definição dos estágios cognitivos. “O juízo moral na criança” (1932) foi o livro mais importante que escreveu a respeito da moralidade.

Kohlberg, psicólogo americano, estudou os trabalhos de Piaget e se deteve com mais afinco nos campos da cognição e da moralidade sendo estes os principais elementos da construção de sua teoria. O modelo de Kohlberg apresenta o desenvolvimento moral em três níveis e seis estágios, sendo que o tipo de raciocínio de um estágio superior abrange o do inferior (Silva; Martins, 2022).

Esses dois pesquisadores destacaram o tema da moralidade, criando métodos próprios de investigação e propondo a instrumentalização de programas de educação moral que impulsionaram o campo da Psicologia Moral.

No entanto, Freire ressalta a necessidade do educador de pensar certo e pressupõe que deve “[...] na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigurosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis” (Freire, 2016, p. 28).

Portanto, cabe ao educador uma postura atenta, observadora, aberta para perceber as necessidades do educando nas suas dimensões cognitivas, emocionais, intelectuais, fazendo

florescer nele suas aptidões e habilidades existentes, despertando sua visão crítica da realidade.

Verifica-se que, para Freire, uma das maneiras de estar no mundo contribuindo com ele e o enriquecendo com ações positivas é a importante tarefa do professor de “não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo” (Freire, 2016, p. 28). Com o pensar certo, o educador se torna um sujeito reflexivo, crítico, atento ao seu redor, que não passa os conteúdos assimilados de forma decorativa e automática, tornando-se um mero repetidor e um instrumento de alienação, mas o faz sim com uma posição e visão crítica das coisas. “Fala bonito de dialética, mas pensa mecanicistamente. Pensa errado” (Freire, 2016, p. 29). Então, “o pensar certo ao lado sempre da pureza, [...], rigorosamente ético e gerador de boniteza” (Freire, 2016, p. 29).

Para Freire, “sem rigorosidade metódica não há pensar certo” (Freire, 2016, p. 49). Esta rigorosidade metódica exige do educador uma postura reflexiva e crítica da realidade em que vive. Ensinar não é transferir conhecimento, mas, na sua prática educativa, o professor deve passar os conteúdos com uma visão crítica, ressignificando-os em uma construção que faça sentido, que seu discurso seja vivencial, que a teoria seja efetiva na prática, deixando de ser um mero repetidor, fazendo com que o educando possa desenvolver um olhar crítico da sua própria realidade, e desenvolvendo, enfim, os potenciais e habilidades nele inerentes. O conhecimento deve ser assimilado pelo educador e pelos alunos nas suas dimensões de ser – “ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica”, mas, sobretudo, necessita ser vivenciado (Freire, 2016, p. 47).

O ensinar, segundo Freire, exige uma postura ética; não se pode atuar na prática, no exercício da profissão, sem ser ético, isto é, para estar na prática ética, tem que ser ético, para criar a condição da eticidade, precisa dar o exemplo. Por isso, a importância de se colocar na prática a vivência do que se apreende junto com o que se acredita de teoria; o discurso não pode ser vazio, mas sim impregnado de significado e de verdade. “O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria” (Freire, 2016, p. 47).

A ética se diferencia, pois se dirige à reflexão sobre a moral, dotada de senso crítico, pressuposições subjetivas e autonomia diante das decisões. Segundo Freire, “[...] a capacitação de mulheres e de homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética. A radicalidade desta exigência é tal que não deveríamos necessitar sequer de insistir na formação ética do ser ao falar de sua preparação técnica e científica” (Freire, 2016, p. 55-56).

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se.

Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...] (Freire, 2016, p. 42).

A formação continuada do professor permite as atualizações necessárias frente às mudanças e transformações existentes no contexto educacional. E sua formação ética é tão necessária quanto a sua capacitação profissional como educador, fazendo valer seu compromisso ético que é inerente à profissão, pois deve estar preparado para grandes desafios, uma vez que a formação ética, na maioria das vezes, não é contemplada nos cursos. E vemos, na prática docente, o quanto isso se torna uma lacuna na sua formação, não importando em que área do conhecimento o professor atue.

Nesse sentido, Paulo Freire (2016) nos remete à relevância da ética no contexto educacional:

[...] sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-la. [...] pelo sentido da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. [...] falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro [...] Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano (Freire, 2016, p. 17).

A educação abre a perspectiva do novo que chega para o indivíduo, da transformação do ser, da mudança de visão de mundo, do novo ressignificado que se dá às coisas e à vida, das possibilidades de intervir, melhorando a vida no seu contexto individual e grupal. Também lhe abre a perspectiva de construir e ter esperança, sonhar com um futuro melhor, aumentar sua autoestima desenvolvendo o ser mais, ocupar um lugar em que seja ouvido, defender suas convicções e exercer a cidadania.

Isso tudo e algo mais se obtém numa educação libertária, que esteja a serviço da formação do homem, respeitando suas necessidades, desenvolvendo suas potencialidades, com chances de que possa ter uma vida digna, ética, de que possa ser útil na sociedade à qual pertence. Isso é um compromisso inerente à ação educativa, no compromisso ético, na “retidão ética”, e na preparação do educador (Freire, 2016, p. 18).

A ação ética no contexto educacional fundamenta-se “na intencionalidade da ação, na relação da consciência para consigo mesma, na integridade do ser humano frente a seus semelhantes” (Boto, 2001, p. 122). “Com a capacidade de escolher entre o bem e o mal, de decidir, de deliberar e pela constatação do limite entre o justo e o injusto” (Boto, 2001).

Comportar-se sob fundamentos éticos exige a escolha de princípios do agir, com os quais se possa conduzir o curso da vida. Porém, é um exercício constante para aprender a decidir no plano de valores. Tal postura de aprendizado das escolhas se mantém ao longo da vida.

A ética, como instrumento do bem e das boas ações na formação do ser, visa à inserção social do indivíduo, do sujeito inacabado, pois a inconclusão do ser, nesta trajetória existencial, é um processo de busca incessante. Freire ressaltava que

A consciência do inacabamento entre nós, mulheres e homens, nos fez seres responsáveis, daí a eticidade de nossa presença no mundo. Eiticidade que, não há dúvida, podemos trair. O mundo da cultura ... é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade, ofendida e recusada. Por isso mesmo a capacitação de mulheres e de homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética. A radicalidade desta exigência é tal que não deveríamos necessitar sequer de insistir na formação ética do ser ao falar de sua preparação técnica e científica (Freire, 2016, p. 55-56).

Para Freire, a incompletude do ser torna o processo educativo uma ação permanente e que leva à “educabilidade”, numa busca incessante de aprendizado e crescimento. Para ele, a educação se torna possível ao homem por ele ser inacabado e ter conhecimento disso. A sua busca incessante leva-o à perfeição. Como a educação é uma busca, produzida por um sujeito que é o homem, então, o homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não podendo ser o objeto, por isso, ninguém educa ninguém (Freire, 1988, p. 27-28). “Este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida” (Freire, 2016, p. 57). O homem tem que, na sua busca como ser consciente da sua incompletude, tornar-se sujeito da ação educativa.

Todo processo de ensino-aprendizado ocorre nos dois sentidos; demanda a existência de sujeitos que ensinam e aprendem conjuntamente, sendo a existência de objetos, os conteúdos a serem estudados, isto é, ensinados-aprendidos. Nesse sentido, destaca-se que “...toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico” (Freire, 2016, p. 68).

A prática educativa para Freire tem “de ser política, de não poder ser neutra” (Freire, 2016, p. 68). A educação escolar está vinculada a um projeto político pedagógico que cada escola possui. Ela é traçada pelas necessidades que a escola tem relacionadas com seu contexto de localização e clientela. Portanto, o trabalho tem uma diretriz, uma linha de ação, um posicionamento. Somos seres sociais e políticos que fazem escolhas todo o tempo, com sabedoria e ética, conscientes de nossos deveres, direitos e responsabilidades como cidadãos.

Meu dever ético, enquanto um dos sujeitos de uma prática impossívelmente neutra – a educativa -, é exprimir o meu respeito às diferenças de ideias e de posições. Meu respeito até mesmo às posições antagônicas às minhas, que combato com seriedade e paixão. Dizer, porém, cavilosamente, que elas não existem não é científico nem ético (Freire, 2019b, p. 110).

Então, a prática docente necessita ter em seu bojo, visão reflexiva e crítica, para fazer frente a uma múltipla variedade de informações, para que os educandos saibam fazer escolhas certas e que possam participar conscientes. Conduz a uma prática, pela formação de conhecimento crítico, que contenha um compromisso ético, político, social, religioso, de encaminhar o homem à discussão de sua problemática, dando força e coragem para lutar pelas suas convicções em vez de ser submetido à determinação de outrem. Mesmo com o foco da educação escolar apenas nos conteúdos, não podemos deixar de lado a formação mais crítica e libertadora, que desperta a atuação consciente do ser no contexto em que vive e no seu desenvolvimento como cidadão. Portanto, “não pode existir uma prática educativa neutra, descomprometida, apolítica. A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre de si mesma e perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite sua neutralidade” Freire (2023, p. 43-44).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas reflexões buscamos, por meio do embasamento teórico, traçar uma visão da ética nestes tempos, enfocando principalmente o grande papel e importância que tem na educação dos nossos dias.

Neste artigo, priorizamos as reflexões sobre a ética desde os gregos como Aristóteles, depois fomos para o iluminismo com Kant e para um contemporâneo, Vázquez, dando uma visão de autores de diferentes épocas até chegarmos a Freire, tentando reforçar, enfatizando a importância da ética na educação.

Freire nos mostra, em seus livros, a luta pela educação como um bem precioso, mas não uma educação sem reflexão, e sim aquela que transforma, ressignifica, que converte o indivíduo num ser mais humano, solidário, ético, que faz história, que contribui com o seu melhor para uma sociedade mais humana, mais íntegra e ética.

Mostra-nos, principalmente no seu livro “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, os caminhos e a necessária conduta para sermos profissionais atuantes na busca do nosso melhor para almejar ser: reflexivos, respeitosos, humildes, solidários,

comprometidos, responsáveis para que possamos enfrentar os desafios que a educação exige no cumprimento da tarefa de ser educador.

Então podemos perguntar: Como ser ético e viver na eticidade se vivo em condições, às vezes, desfavoráveis, enfrentando as várias dificuldades do dia a dia e estando em salas de aulas com questões múltiplas a resolver, muitas delas surgindo na hora, sem perder meu foco, alinhamento e resolvê-las com sabedoria e bom senso, além do conteúdo que tenho que dar? São indagações que, como educadores, temos de fazer: Que exemplo dou a meu aluno da minha eticidade para que possa aprender com o meu exemplo? Deixo essas reflexões, porque não há fórmula pronta. Há vários caminhos e cada um tem que achar o seu próprio dentro das suas vivências e experiências.

Concluimos, pois, que a questão da formação humana e a formação dos conteúdos são ambas importantes e devemos inseri-las na prática educacional. Independente da escola ser equipada tecnologicamente ou não, se a educação vai ser voltada para o mercado de trabalho, a educação escolar é para preparar o indivíduo para a vida; deve ser uma educação integral que inclua todos os níveis: o mental, o emocional e o físico e respeite sua opção religiosa.

Devemos ser éticos sim na ação, como Freire evidenciou em seus livros, buscando transformar o mundo que nos cerca através da conscientização, interagindo no mundo, acreditando que, através da educação, podemos nos transformar e, nos transformando, poderemos ser agentes de transformação do mundo. Devemos acreditar que é possível viver num mundo melhor com condições de igualdade, liberdade e justiça; não sendo nem oprimido, nem opressor, ser aquele que vive na sociedade visando ao bem comum para todos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2022.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BOTO, C. Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, Cedes Ano XXII, v. 22, n. 76, 2001.

CARVALHO, J. M. de Ética e sociedade. **Revista Estudos Filosóficos**, n. 1, p. 72-83, 2008. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art7_rev1.pdf. Acesso em: 23 out. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação; economia, sociedade e cultura**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

- CUNHA, G. S. de A. **Ética nas proposições pedagógicas de Paulo Freire: o engajamento ético-pedagógico do educador.** 2003. 248 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- FORTUNA, V. **Epistemologia, ética e práxis pedagógica em Paulo Freire.** 2015. 82 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.
- FREIRE, P. **Educação e mudança.** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 54. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** 25. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 69. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.
- FREIRE, P. **Política e educação.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- KANT, I. **Sobre a pedagogia.** Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.
- KANT, I. **Sobre a pedagogia.** Tradução de João Tiago Proença. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2019.
- NODARI, P. C. A Ética Aristotélica. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 24, n. 78, 1997.
- NUNES, M. A. O. **Autonomia como Pressuposto Ético para a Educação: uma leitura de Paulo Freire.** 2011. 81 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.
- PINHEIRO, C. de M. **Kant e a educação: reflexões filosóficas.** Caxias do Sul: Educus, 2007.
- RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Revista Educação & Sociedade.** Campinas, Cedes Ano XXII, v. 22, n. 76, 2001.
- SANFELICE, J. L. O compromisso ético e político do educador e a construção da autonomia da escola. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 6, n. 6, 2000. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/89/102>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- SILVA, M. E. F. da; MARTINS, R. A. O desenvolvimento moral segundo Piaget, em psicologia. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v.14, n. 2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1984-1655.2022.v14.n2.p42-86>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- VALLE, L. do. Ainda sobre a formação do cidadão: é possível ensinar a ética? **Revista Educação & Sociedade.** Campinas, Cedes Ano XXII, v. 22, n. 76, 2001.
- VÁZQUEZ, A. S. **Ética.** 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- ZENI, A. B. **Educação e autonomia: uma reflexão a partir da filosofia prática de Immanuel**

Kant. 2010. 86 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

ARTIGO 3: PRODUTO EDUCACIONAL: OFICINA REFLEXIVA SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA ÉTICA E DA AUTONOMIA NA FORMAÇÃO DOCENTE DO PROFESSOR

Resumo

Este trabalho objetiva apresentar os resultados de uma oficina reflexiva que ofereceu um momento de estudos acerca da ética e da autonomia no campo da formação docente. Esta atividade constituiu-se no Produto Educacional, do curso de Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Lavras. A oficina tem como público-alvo professores da educação básica, estudantes de cursos de licenciatura, estudantes da pós-graduação, pesquisadores, entre outros. Para a concretização do objetivo, realizou-se uma explanação dos conceitos de ética e da autonomia com base no livro “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire, escrito em 1996. A oficina constituiu-se em um momento de exposição teórica e um momento de discussão em grupos. Nessa discussão grupal, percebeu-se o comprometimento do grupo e quanto tais discussões são importantes no âmbito da universidade e em salas de aula voltadas para a formação do professor. Sendo assim, foi possível observar como essa temática é indissociável da formação docente e como a ética freireana, que tem como pressuposto a concepção de ser humano inacabado, social, histórico, cultural e ser de práxis, é fundamental para ampará-lo em sua profissão. As discussões apontaram que a ética deve permear toda a prática educativa comprometida com a emancipação e humanização dos educandos. A oficina se mostrou um convite ao educador para assumir um compromisso ético de formar indivíduos que se tornarão cidadãos do mundo, bem como, promoveu discussões para uma contribuição nessa área.

Palavras-chave: ética; autonomia; educação; formação docente; prática docente.

Abstract

This study presents the outcomes of a reflective workshop that provided an opportunity to examine ethics and autonomy in teacher education. This activity constituted the Educational Product component of the Professional Master's in Education program at the Federal University of Lavras. The workshop targeted basic education teachers, undergraduate education students, graduate students, researchers, and other professionals. To achieve its objectives, the workshop

featured an exposition of ethical and autonomy concepts based on Paulo Freire's 1996 work "Pedagogy of Autonomy". The event combined theoretical presentation with group discussion sessions. These group discussions revealed strong participant engagement and demonstrated the importance of such dialogues in university settings and teacher training classrooms. Key findings indicated that ethical considerations are inseparable from teacher education, and that Freirean ethics - grounded in the concept of humans as unfinished, social, historical, cultural beings engaged in praxis - provides essential professional support. Discussions emphasized how ethics must permeate all educational practice committed to student emancipation and humanization. The workshop served as both an invitation for educators to embrace the ethical commitment of forming global citizens and a platform for advancing discourse in this field.

Keywords: ethics; autonomy; education; teacher education; teaching practice.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de uma oficina que buscou fazer uma reflexão sobre a ética e a autonomia como componentes necessários na formação docente, trazendo pontos que ajudam a definir a visão de uma prática educativa em que esteja presente o compromisso ético, tão relevante ao exercício da profissão.

A oficina constituiu-se no Produto Educacional, do curso de Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Lavras. Teve como objetivo estudar a ética e a autonomia como partes integrantes de saberes necessários para a formação de docentes que assumem o compromisso ético de formar indivíduos que se tornarão cidadãos do mundo, bem como, promover discussões para uma maior contribuição nessa área. A oficina foi direcionada aos estudantes de cursos de licenciatura, estudantes de Pós-Graduação, professores da Educação Básica e pesquisadores que tenham afinidade com o tema e que possam ampliar o estudo posteriormente. Foi baseada na obra "Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa", o último livro de Paulo Freire², escrito em 1996.

² Paulo Freire foi considerado patrono da educação brasileira em 2012. Nascido em 1921, em Recife, capital de Pernambuco, morreu em 1997, em São Paulo. Seu livro "Pedagogia do Oprimido" é a sua obra mais importante, considerada mundialmente a terceira obra mais citada na área das ciências humanas. Em 1943, entrou na Universidade do Recife, que posteriormente se tornou Universidade Federal de Pernambuco, cursando Direito, mas desistiu da carreira logo na primeira causa e decidiu ser educador. Lecionou Língua Portuguesa no colégio Oswaldo Cruz, uma escola secundária de Recife. Em 1944, casou-se com Elza Maia Costa Oliveira (1916-1986), com quem teve cinco filhos. Em 1947, recebeu um convite para trabalhar no recém-criado Serviço Social da Indústria, SESI, Departamento Regional de Pernambuco, ocupando o cargo de Diretor do setor de Educação e Cultura e, de 1954-1957, esteve no cargo de Superintendente. Assim teve a oportunidade de se inteirar da educação de jovens e adultos e das questões educacionais no âmbito local e nacional. No ano de 1959, defendeu

Paulo Freire nos deixou um legado sobre ética e decência profissional que, numa relação dialógica entre educador e educando, visa a uma construção do conhecimento. Convida o professor a ter um compromisso político, pedagógico, permeado de uma conduta coerente, decente e ética (Trombetta; Trombetta, 2008).

Entretanto, podemos perguntar: Por que uma oficina reflexiva sobre ética e autonomia com base na perspectiva freireana? Sabemos que uma educação visando à ética e à autonomia, ajuda a preparar o indivíduo para o exercício da sua cidadania, com responsabilidade. Contudo, autonomia não é sinônimo de liberdade. Esperamos que o sujeito, no exercício da autonomia possa fazer uso de sua liberdade, com capacidade de realizar seus próprios projetos. A escola tem um papel preponderante na formação do educando, mas temos que estar atentos à formação do docente, para que o educador esteja em condições de cumprir com as exigências de sua profissão, sempre em formação continuada.

Na discussão sobre educação, ética e autonomia, Freire (2016) ressalta que os fundamentos desse livro aplicam-se a qualquer educadora ou educador crítico, independente da sua opção política, sustentando a importância da reflexão para uma formação docente e uma prática educativo-crítica. Com isso, a oficina previu momentos de reflexão teórica em que discutimos alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica, cujos conteúdos obrigatórios fazem parte da formação docente.

Nos cursos de formação, notamos uma predominância dos aspectos cognitivos sobre os aspectos afetivos, que trazem potente componente ético ao dia a dia acadêmico. Os dilemas éticos verificados no exercício docente, no âmbito da escola, confirmaram a necessidade de um estudo nas suas perspectivas acadêmicas e institucionais como também, uma pesquisa dos aspectos humanos (Silva; Ishii; Krasilchik, 2020, p. 1).

O trabalho docente consiste em uma variedade de tarefas conhecidas como: preparar aulas, fazer planejamento e organização em equipes de trabalhos práticos, avaliação, observação e orientação de estudantes, entre outras. Nessas atividades múltiplas nem sempre são percebidas

a tese “Educação e atualidade brasileira” para o concurso à cadeira de História e Filosofia da Educação, na Escola de Belas Artes de Pernambuco, recebendo, posteriormente, o título de doutor e de professor efetivo dessa cadeira e sendo nomeado em 1960. Em 1962, aconteceu uma experiência inusitada na cidade de Angicos no Rio Grande do Norte, onde 300 trabalhadores foram alfabetizados em 45 dias, em 40 horas, quando se utilizou o Método de Alfabetização de Adultos de Paulo Freire. Essa experiência foi coroada de êxito. Com isso, em 1963, foi nomeado, pelo Ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos, presidente da Comissão de Cultura Popular e, na sequência, ocupou o cargo de coordenação do Programa Nacional de Alfabetização – PNA. Durante o Golpe Militar de Estado de 1964, Freire foi exonerado dos cargos públicos e preso. Por causa da perseguição, com sua vida correndo perigo, partiu inicialmente para Bolívia, depois Chile, Estados Unidos e por último, Suíça. No exílio, escreveu muitos de seus livros. Com a anistia, retornou ao Brasil em 1980. Em 1989, tornou-se Secretário de Educação do Município de São Paulo, na gestão da prefeita Luiza Erundina, permanecendo no cargo até 1991. Quando se exonerou da função, para continuar a ler, escreveu sua produção científica voltada à educação. Faleceu em São Paulo, no dia 2 de maio de 1997.

por estudantes, suas famílias, coordenação e direção, as questões vivenciadas pelo professor no âmbito acadêmico, escolar, em que ele pode passar por incertezas, dúvidas e divergências (Silva; Ishii; Krasilchik, 2020).

A necessidade de um estudo ético, voltado para a educação básica, é de vital importância, visto que o número de questões existentes, desde a evasão escolar à falta de investimentos financeiros para a manutenção e renovação dos ambientes físicos, demonstra negligência do poder público, que resulta em um sucateamento das escolas, com baixos salários que desvalorizam o professor. E por que não falar da violência nas escolas? Essas e outras questões fazem parte do dia a dia escolar. Contudo, torna-se premente, nestes tempos, uma reflexão cuidadosa do que temos e do que estamos plantando para um futuro bem próximo da educação do país.

Diante disso, neste artigo, nossa reflexão sobre a ética mostra-nos como nosso viver diário está longe de ser ético e respeitoso, pois nem nossas questões básicas são atendidas. Eis por que se faz necessário estudar o tema da ética no contexto da educação básica. A educação tem o componente ético em si. Devemos, segundo Freire (2016, p. 17) “sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente”. Ser professor exige preparação, capacitação e formação permanente, bem como reflexão crítica de sua prática.

A prática educativa, [...], é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamos ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo (Freire, 2010, p. 51).

O objetivo do educador não deve ser somente passar os conteúdos; deve, prioritariamente, valorizar “a formação moral do educando” (Freire, 2016, p. 35). Sendo assim, a postura ética e a maneira como o educador conduz suas aulas, comprometido com a ação pedagógica, com sua reflexão-ação, possibilitam ao educando desenvolver-se com senso crítico, reflexivo; aprender a pensar certo, a questionar, resultando em uma formação com autonomia e liberdade de escolha, com consciência e segurança.

A retirada da filosofia e sociologia do ensino médio não foi benéfica para a formação dos jovens, pois remove do currículo escolar as matérias que os ajudam na formação humanista,

dando um enfoque de uma educação tecnicista, fazendo com que os educandos, não desenvolvam seu lado reflexivo. Sem uma formação humanista, os alunos não se deparam com uma educação problematizadora, reflexiva e questionadora do mundo, tendo dificuldade para fazer suas escolhas, inclusive, no que tange à sua vida pessoal; não têm senso crítico da realidade; não se veem como sujeitos que marcam suas presenças no mundo.

É justamente neste período de formação quando os adolescentes começam a questionar e procurar caminhos que irão fazer parte da sua construção como indivíduo e cidadão. Para fazerem escolhas que respondam a suas perguntas, necessitam saber lidar com a massificação deste mundo globalizado, para não serem tragados, e servirem como mais uma mão de obra obediente e servil que atenderá aos interesses da economia de mercado. É fundamental que possam fazer suas escolhas com consciência, sabedoria e responsabilidade ética exercendo autonomia em suas vidas.

2 DESENVOLVIMENTO DA OFICINA REFLEXIVA

Este produto educacional teve como proposta a realização de uma oficina para alunos da Pós-Graduação, do segundo semestre do curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Lavras, em uma disciplina ministrada por minha orientadora, profa. Ilsa do Carmo Vieira Goulart. O tema da oficina se intitulou “Contribuição da Ética e Autonomia na Formação Docente do Professor. Realizou-se no dia 17 de dezembro e faz parte da pesquisa de Mestrado Profissional em Educação nessa mesma instituição.

A oficina começou com a apresentação do tema para depois dar-se início à realização da dinâmica com os colegas/professores presentes. A dinâmica constituiu-se na leitura de pequenos trechos do livro “Pedagogia da Autonomia”, distribuídos a sete grupos de dois, formando o total de 14 participantes, entre eles um professor e treze professoras. A proposta era para as duplas lerem e discutirem entre si, e, em seguida, escreverem um pequeno texto sobre suas reflexões e conclusões. Foram dados 15 minutos para leitura, discussão e escrita de suas considerações; depois cada dupla apresentou ao grupo suas reflexões, criando-se, assim, um ambiente de discussões. Os textos gerados pelas duplas foram colocados aqui com um breve comentário, quando abordamos os sete eixos de reflexão; a aula foi gravada, servindo de referência ao estudo posterior que gerou este artigo.

O Produto Educacional nos cursos de Mestrado Profissional em Educação é importante, pois a pesquisa e o ensino ficam integrados melhorando e inovando a qualidade de ensino e da formação docente. Também supre eventuais lacunas existentes no campo educacional que

podem ser preenchidas através desses Produtos Educacionais desenvolvidos no âmbito dos Mestrados Profissionais em Educação, gerando materiais didáticos para serem utilizados em salas de aula, materiais para professores feitos por professores/pesquisadores.

O tema da ética e da autonomia é relevante no contexto sócio-político-cultural de uma sociedade que se preocupa na formação de suas crianças e adolescentes e almeja proporcionar uma educação integral que contemple uma formação moral, junto com os conteúdos que irão prepará-los como cidadãos e, conseqüentemente, para sua inserção no mercado de trabalho.

2.1 Discussão teórica: Ética e autonomia na formação humana

A ética tem várias interpretações que lhe foram sendo agregadas ao longo da linha do tempo, a partir dos gregos. Vamos nos ater inicialmente ao conceito descrito por (Mora, 2005, p. 931) no dicionário de Filosofia que nos pareceu uma definição que atende ao nosso objetivo.

O termo ‘ética’[...] significa ‘costume’, e, por isso, a ética foi frequentemente definida como a doutrina dos costumes, sobretudo nas tendências empiristas. A distinção aristotélica entre as virtudes éticas, indica que o termo ‘ético’ é tomado primeiramente apenas em um sentido de “adjetivo”: trata-se de saber se uma ação, uma qualidade, uma “virtude” ou um modo de ser são ou não são “éticos”. As virtudes éticas são para Aristóteles as que se desenvolvem na prática e se encaminham para a consecução de um fim, enquanto as dianoéticas são as virtudes propriamente intelectuais. Às primeiras pertencem as virtudes que servem para a realização da ordem da vida do Estado – a justiça, a amizade, o valor, etc. – e têm sua origem direta nos costumes e no hábito, razão pela qual podem ser chamadas de virtudes de hábito ou tendência. Às segundas, por outro lado, pertencem as virtudes fundamentais, as que são como que os princípios das éticas, as virtudes da inteligência ou da razão: sabedoria e prudência. Na evolução posterior do sentido do vocábulo, o ético se identificou cada vez mais com o moral, e a ética chegou a significar propriamente a ciência que se ocupa dos objetos morais em todas as suas formas, a filosofia moral.

No entanto, a visão de Vázquez a respeito da ética, faz-nos adicionar outro olhar que enriquece a temática.

Segundo Vázquez (1999, p. 34),

A ética se relaciona estreitamente com as ciências do homem, ou ciências sociais, dado que o comportamento moral não é outra coisa senão uma forma específica do comportamento do homem, que se manifesta em diversos planos: psicológico, social, prático-utilitário, jurídico, religioso ou estético. Mas a relação da ética com outras ciências humanas ou sociais, baseada na íntima relação das diferentes formas de comportamento humano, não nos deve fazer esquecer o seu objeto específico, próprio, enquanto ciência do

comportamento moral.

Segundo Marco Segre, “o conceito de autonomia nasce na cultura política da democracia grega para indicar as formas de governo autárquicas” (Segre, 2002, p. 30).

Ainda segundo Segre (2002):

[...] é somente a partir do humanismo individualista da Idade Moderna, que culmina na Aufklärung (Iluminismo) do século XVIII, que o conceito de autonomia se aplica ao indivíduo. Desde então, o indivíduo se torna um autêntico sujeito moral, titular de direitos e deveres correspondentes, e capaz de querer o bem voluntária e racionalmente. A primeira formulação sistemática do conceito de autonomia aplicado ao indivíduo deve-se a Kant, para quem o sujeito moral em questão é a pessoa, isto é, o indivíduo racional e livre, e é por isso que a ética kantiana será conhecida como “racionalismo ético” (Segre, 2002, p. 30).

Segre faz alusão ao famoso texto de Kant (1985) em resposta à pergunta: o que é o esclarecimento? O texto nos fornece algumas definições que permitem situar a questão no contexto iluminista, quando Kant define que “a menoridade é a incapacidade do homem de fazer uso de seu próprio entendimento sem a direção de outro indivíduo (Kant, 1985, p. 1). Ele apontou o próprio homem como culpado dessa situação, uma vez que não é pela falta de entendimento e sim pela falta de coragem e decisão de pegar para si as rédeas de sua própria vida, delegando para outrem as decisões que ele mesmo deveria tomar.

No entanto, o que é esclarecimento, no pensamento kantiano?

Esclarecimento (Aufklärung) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (Aufklärung) (Kant, 1985, p. 100).

No ambiente iluminista, em que Kant se encontrava, defendia que era preciso sair da menoridade para ir à maioridade. “Como já destacado, o filósofo instruiu o ser humano a ter coragem de compreender-se, ousando saber (sapere aude), buscando o entendimento das coisas e do outro a partir de si próprio” (Muzzatto, 2017, p. 65).

Segundo Muzzatto (2017, p. 66):

A filosofia moral kantiana é regida pela razão. A lei moral explicitada pelo pensador de Königsberg busca demonstrar que a razão é suficiente por si só,

que não depende de impulsos sensíveis para mover a vontade. Em sua filosofia, Kant expressa que somente para esse caso, em que não há interferência de impulsos sensíveis, é que pode haver princípios morais válidos sem exceção a todos os seres humanos, ou seja universal. Para compreender a noção moral de Kant, é preciso conhecer os “princípios práticos”, regras gerais, ou seja, as determinações da vontade.

Dessa maneira, a moral Kantiana percebe o homem como senhor de si, autônomo e, conseqüentemente livre.

A racionalidade humana é o fim em si mesma. A vontade do ser humano deve ser uma vontade boa, assim, será uma vontade legisladora universal. O ato proveniente de uma vontade determinada pelo desejo, pela inclinação, não pode ser considerado válido universalmente já que está fora da esfera da moralidade. O ser racional, no mesmo instante em que legisla, postula a lei da qual ele próprio submete à universalidade. Nessa capacidade de legislar universalmente é que consiste a dignidade da natureza humana e racional (Möller, 2007 *apud* Muzzatto, 2017, p. 68).

“No ser humano, está o valor absoluto. Ele é o fim em si mesmo e objeto de respeito” (Muzzatto, 2017, p. 69). Kant “afirma que tudo que há na natureza se conforma com suas leis, exceto o homem. Isso porque o homem, na condição de ser racional, conforma-se às leis universais que ele próprio formula. Por isso, os seres racionais são autônomos e têm uma dignidade particular”³ (Zatti, 2007, p. 25). Distinguem-se na natureza como seres livres e determinados.

2.2 Ética e autonomia na formação docente

A ética para Freire está pautada no respeito e na dignidade humana, levando em consideração sua condição ontológica, de ser mais, de ser inacabado. Está implícita no ato de educar: “a prática docente, especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética” (Freire, 2016, p. 64). No momento em que se exerce a profissão, estão presentes o papel e a referência que o professor tem na visão do aluno; por isso, na concepção da ética freireana, levam-se em consideração o respeito e a dignidade humana, em prol de uma sociedade mais igualitária e justa. Com posicionamento crítico, rigorosamente ético, a favor do que ele chamou

³ A ideia de que os seres racionais possuem dignidade particular, Kant retoma de Descartes, o qual formula sua concepção de dignidade a partir de seu modelo de domínio racional. É nessa ideia de dignidade humana, cujas origens estão em Descartes, que Kant vai fundar o sentido de universalidade da lei moral: a lei moral (imperativo categórico) deve valer para todos os seres racionais em geral (Zatti, 2007, p. 25).

de ética universal do ser humano, Freire defende a educação como prática para a liberdade, referindo-se ao livro “Pedagogia da Autonomia”:

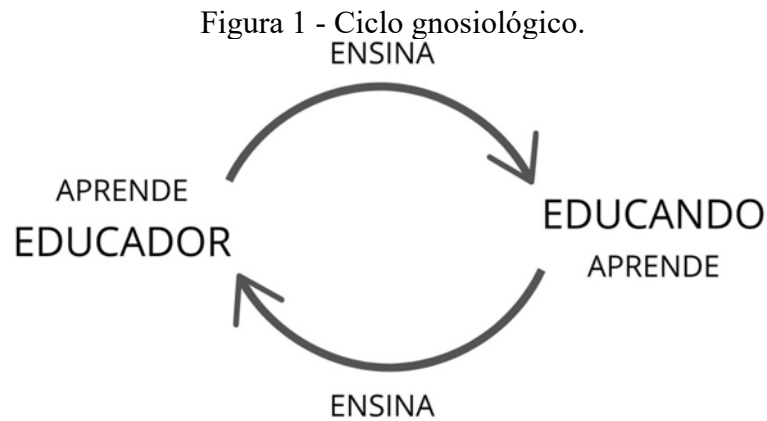
Este pequeno livro se encontra cortado ou permeado em sua totalidade pelo sentido da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigurosidade ética. Mas é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro (Freire, 2016, p. 17).

Para Freire, existe uma relação de horizontalidade em que o educador, ao mesmo tempo que ensina, aprende, segundo a teoria que ele chamou de “dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente” (2016, p. 30). Isso muda totalmente a maneira de se relacionar tornando a “dodiscência” – docência-discência – uma forma de ensino-aprendizagem mais democrática, participativa, criativa, em que o educador e o educando irão desenvolver potenciais latentes, existentes neles.

Ao ensinar, o professor está em um processo de construção de conhecimento, reaprendendo o que já sabe, como também criando novos conhecimentos, e se apropriando deles; tal procedimento se torna incompatível com o ensino “bancário”, que é a repetição do que já existe, sem uma reflexão, só memorização, não tendo uma visão crítica, um raciocínio próprio de recriação do conhecimento adquirido; não tendo também a subjetividade do sujeito criada com aquilo que está aprendendo, reaprendendo ou construindo um novo conhecimento naquele momento. O professor ao ensinar, aprende e ao aprender, ensina numa dialética constante, fazendo com que o ato de ensinar e aprender seja uma via de mão dupla, em que os dois caminhos são indissociáveis.

2.3 Gnosiológico

A “dodiscência” e a pesquisa são práticas necessárias nos momentos do ciclo gnosiológico, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Para Freire, “fazem parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa”. Portanto, fazem parte da sua formação permanente. Para isso, o professor deverá se perceber como um pesquisador que com sua investigação, sua curiosidade e a sua sede de saber estará continuamente estudando (Freire, 2016, p. 30).



Para Freire, o educador democrático, na prática docente, deverá aumentar a capacidade crítica dos educandos, instigar sua curiosidade com rigorosidade metódica, para que eles possam se acercar dos objetos do conhecimento. Não se trata de se ater apenas aos conteúdos, mas criar as condições para que o aprendizado seja crítico. Na “verdadeira aprendizagem, os educandos vão-se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (Freire, 2016, p. 28). Daí podermos realmente depreender que o conhecimento ensinado resulta no objeto ensinado, apreendido na sua forma de ser pelos educandos.

A atividade docente não deve ficar apenas focada em “ensinar os conteúdos”; deve estar voltada “também a ensinar a pensar certo” (Freire, 2016, p. 28), porque um professor não crítico, memorizador, que pensa mecanicamente, pensa errado. Para pensar certo, ele deve estar inteirado do que ocorre ao seu redor, na sua cidade, em seu bairro, sendo capaz de, com rigorosidade ética, ver com “boniteza” o mundo e saber que como ser histórico-social é capaz de intervir nele. “quem pensa certo [...] é quem pode ensinar a pensar certo” (Freire, 2016, p. 29).

Para Freire, a ética e a estética andam juntas, a decência e a “boniteza”, a integridade do ser... Podemos embelezar o mundo ou enfeá-lo, fazendo boas ou más ações. Ser ético é pensar certo. Podemos pensar de uma maneira e depois mudarmos de opinião, mas é necessário que assumamos nossa nova posição, pois é preciso ser coerentes com o que dizemos e fazemos. “É que todo pensar certo é radicalmente coerente” (Freire, 2016, p. 35). Ainda segundo Freire, “o ensino dos conteúdos” (Freire, 2016, p. 34) tem que levar em consideração também “a formação moral do educando” sendo que “educar é substantivamente formar” (Freire, 2016, p. 35). Então a educação está permeada pela ética e por ser ético.

O educador, antes de tudo, deve ser um aprendiz de postura aberta para respeitar seus

alunos, sua cultura, seus saberes, para que juntos, de maneira dialética, possam construir novos conhecimentos; o educador deve também discutir a realidade no contexto do educando, fazendo com que nele se forme uma consciência crítica, aproximando dos conteúdos escolares a realidade social na qual eles vivem.

Nesse sentido, entendemos que “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (Freire, 2016, p. 58). O educando se torna autônomo quando, na sua leitura de mundo, consegue ler com uma visão crítica a realidade, tornando-se consciente dela, fazendo uso do pensar certo e fazendo escolhas com bom senso e ética. Portanto a educação deve ajudar sua interpretação do mundo, ensinando-lhe a pensar, a escolher, a decidir, a buscar em si seu caminho, sem deixar que o manipulem. Por isso, “Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos” (Freire, 2016, p. 34).

Para Freire, é essencial que o educador tenha a capacidade de estar no mundo, atuando com sua presença e consciência, formando-se como ser histórico, social e ético, participando ativamente na construção de um mundo mais igualitário, justo e humano, onde todos possam ter as mesmas oportunidades dignas de vida e que, sobretudo, “neste mundo” não haja opressor nem oprimido.

O educar é um ato político, porque envolve pessoas e relações humanas que exigem ação e reflexão. A educação quando crítica faz com que o educando aprenda a pensar, formule uma visão crítica da realidade, fazendo escolhas próprias para si; caminho esse, que a formação puramente tecnicista não enfoca.

Kant também defende que, na ação educativa, nesse processo permanente de construção de uma sociedade que prepare o cidadão para cumprir o papel que lhe cabe, faz-se necessário que se tenha um projeto pedagógico de formação ética e autônoma. Em sua pedagogia, verifica-se, ainda, que a educação tem como objetivo formar os sujeitos para a autonomia, reunindo as lições da experiência com os projetos da razão (Zatti, 2007). Kant resume, afirmando que “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação; ele é aquilo que a educação dele faz” (Kant, 2019, p. 12).

2.4 O professor reflexivo e crítico

O professor, sendo reflexivo na sua prática docente, buscará o que pode melhorar sua práxis. Daí as perguntas: o que posso melhorar e onde buscar soluções? Ao utilizar o ato

reflexivo na ação, concluirá que a pesquisa pode certamente ajudá-lo a melhorar sua prática docente.

O professor reflexivo e crítico torna-se mais comprometido e criativo na sua prática, quando busca novos recursos didáticos para serem utilizados em sala de aula. É necessário que o professor, na sua trajetória profissional e na sua formação continuada, possa se tornar um curioso, um pesquisador de novos conhecimentos que possam ser incorporados à sua docência. Na oficina, buscamos discutir questões pedagógicas sobre a ética e a autonomia que, se presentes na sala de aula, podem despertar a curiosidade do aluno/professor de Licenciatura.

Podem, além disso, ajudar o professor a ampliar suas reflexões para uma busca de soluções de problemas que o inquietam no dia a dia. Por isso, quando o docente sentir necessidade de novas sequências didáticas para suas aulas, que a indagação, a busca e a pesquisa se façam presentes! Freire salienta que “faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa” Freire (2016, p. 30). Assim, o professor pelo exercício da profissão, também, pode tornar-se um pesquisador, dando sempre um ressignificado à prática docente.

E como promover uma educação ética? Como ser ético? A construção do sujeito ético acontece por meio da educação.

[...] uma atividade constitutivamente ética: ética porque o professor deve agir na observância de um conjunto de princípios de natureza moral e também porque o que se espera do professor é que ele recorra a uma estratégia, desenvolva um método e disponha de recursos para promover a formação ética dos alunos (Caetano; Silva, 2009, p. 50).

Segundo Freire, é necessário que o educador/a, desde o início de sua formação, assumasse como sujeito da produção do saber, acreditando “que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2016, p. 47).

A educação convencional, chamada por Freire de “educação bancária”, é aquela em que o professor se considera o detentor do conhecimento, deposita os conteúdos no aluno, como se ele fosse um recipiente vazio que vai enchendo de informações, desconsiderando todos os saberes que o educando traz, tratando os educandos como receptores passivos e não como agentes ativos de mudança de sua própria realidade, tornando-os, assim, repetitivos, memorizadores e passivos. Mas o que Freire propõe é uma educação problematizadora, que visa à transformação do indivíduo e do mundo, com uma visão crítica da realidade, numa relação dialética, criativa, entre o educador e o educando, em um diálogo em que se aprende ao ensinar e se ensina ao aprender e que se aprende e ensina em comunhão, construindo juntos o

conhecimento como sujeitos desta inter-relação. Concomitantemente, a educação problematizadora trabalha o estado de opressão do educando que, em seu processo reflexivo, toma consciência do seu lugar no mundo.

3 PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: A OFICINA – AÇÃO REFLEXIVA – COM OS PROFESSORES

Os participantes da oficina reflexiva visitaram a turma formada pelos alunos da Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Lavras, contando com quatorze participantes e dois ouvintes que são pós-graduandos do curso de Mestrado de Filosofia, também da UFLA. Os ouvintes apenas participaram da primeira parte, que foi a explanação do tema da oficina; não ficaram para a segunda em que foi apresentada a discussão. Essa oficina ocorreu em uma sala de aula do curso de Pós-Graduação, com duração de 2h30; foi um tempo justo para a realização da parte teórica e a prática.

Após tratarmos das discussões teóricas sobre ética e autonomia, oferecemos um momento de discussão em grupos, a fim de percebermos como os professores estabelecem relações com o tema, em interlocução com os colegas. As discussões em grupo oportunizaram uma discussão coletiva que, posteriormente, levou a um maior engajamento e comprometimento na prática docente dos professores.

Para isso, para mover a oficina reflexiva, escolhemos alguns sub-tópicos que trataremos como eixos de reflexão:

3.1 Os sete eixos de reflexão

Texto 1: “Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo” (p. 35).

Resposta: O corpo age de acordo com o pensamento. Se o pensar é correto, o agir deverá também ser. De nada valem bons argumentos e teorias, se a prática e o exemplo não condizem com a questão correta. Ser ético é agir de acordo com a verdade.

Problematizando: Corporificação das palavras e o agir consciente.

Nem sempre agimos de acordo com o que propagamos, atados apenas ao ato de refletir; porém temos que ter presente que a nossa reflexão precede à nossa ação. Principalmente, se somos professores, precisamos corresponder ao que falamos, colocando em prática o que pregamos. “Mas como não há pensar certo à margem de princípios éticos, se mudar é uma

possibilidade e um direito, cabe a quem muda – exige o pensar certo – que assuma a mudança operada” (Freire, 2016, p. 35). Então, sejamos coerentes, pois nossa postura é observada pelos estudantes que perceberão se o que falamos, colocamos em prática, ou se isso é uma falácia. A partir disso, eles acreditarão e confiarão no que dizemos ou não. Mostra a unidade do pensar-sentir-agir.

Texto 2: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (p. 39).

Resposta: Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, ou seja, o ensino está em constante mudança. Precisamos nos autoavaliar de modo dinâmico, pensando sobre o fazer. Um exemplo é o caso do ensino, que é um instrumento reflexivo dialético, no qual utiliza-se uma situação problema vivenciada pelo professor no contexto da sala de aula, e que o mesmo, através do pensar, age de uma maneira crítica e distinta que pode aprimorar o seu fazer docente futuro.

Problematizando: Reflexão sobre a práxis e o comprometimento com a educação.

O professor necessita fazer sempre uma reflexão crítica de sua prática docente, e, a partir disso, poderá avaliar o pensar e o fazer, pois há sempre o que melhorar. Para Freire (2016, p. 40), “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. Para diminuirmos, cada vez mais, a distância entre a teoria e a prática, faz-se necessário sustentar a rigorosidade metódica.

Texto 3: “É o saber da história como possibilidade e não como *determinação*. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *história*, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar*, mas para *mudar*.” (p. 74-75).

Resposta: O indivíduo não deve ser apenas objeto das circunstâncias, mas alguém que intervém criticamente no contexto social, cultural e político. Longe de se adaptar passivamente, cabe a ele agir para mudar a realidade, assumindo-se como protagonista da história. Deve atuar com consciência crítica, reconhecendo sua capacidade de transformação, assim cada pessoa contribui para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, participando ativamente no processo histórico.

Problematizando: A compreensão da realidade e a atuação transformadora no mundo.

O sujeito faz parte da história e, como tal, vive o mundo no campo das possibilidades e não do determinismo, percebe na sua subjetividade curiosa e inteligente e interfere com objetividade numa relação dialética com o mundo no qual constata as ocorrências e intervém

como sujeito. Contudo não sou só sujeito da história, sou objeto também que constato não para me adaptar, mas para mudar, dentro do mundo da cultura, da história, da política. Sou história também na medida em que interfiro, transformo a realidade na qual estou inserido como ser político e não neutro; constato pela minha criticidade; exerço a intervenção como o sujeito da história.

Texto 4: “Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache ‘repousado’ no *saber de* que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer” (p. 84).

Resposta: Para que o professor ensine métodos, técnicas ou até dê uma aula dinâmica, ele precisa, antes de tudo, gerar curiosidade em seus estudantes. Pois ela é responsável pelas perguntas, pelo conhecimento, pela atuação e pelo re-conhecer-se como cidadão e ser humano.

Problematizando: Por uma pedagogia da pergunta.

O conhecimento é incompleto e o que nos instiga a buscar o conhecer mais, o aprender, é, sem dúvida, a curiosidade, que nos impele, nos move. Então, “a construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade” (Freire, 2016, p. 83). O professor e o aluno devem ter uma postura aberta, curiosa, perguntadora e dialógica.

Texto 5: “[...] que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo” (p. 94).

Resposta: Compreendemos que é fundamental que o docente cumpra o que fala em sua postura, no seu agir, pois não é honesto, transparente, defender uma ideia e agir de modo diferente dela. O docente precisa ter a postura de ser íntegro naquilo que ele sempre demonstra.

Problematizando: A verdade interna do professor e a busca pela coerência entre o pensar-sentir-agir.

O professor não passa despercebido dos seus alunos, quer seja nas perguntas ou observações, quer nas suas atitudes em sala de aula. Por isso, aprender a decifrar um silêncio, um sorriso, ajuda o professor a lidar com os alunos no espaço pedagógico, que necessita ser constantemente interpretado. “Minha presença de professor [...] em si política, [...] não posso ser uma *omissão*, mas um sujeito de *opções*. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade” (Freire, 2016, p. 96). É preciso ser verdadeiro nas suas colocações e ações, aliando o pensar-sentir-agir, mostrando a coerência do que diz e faz. “Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho” (Freire, 2016, p. 96).

Texto 6: “[...] e em que discutia precisamente a questão dos limites sem os quais a liberdade se perverte em licença e a autoridade em autoritarismo [...]” (p. 102-103).

Resposta: Paulo Freire nos convida a refletir sobre a complexidade das relações entre liberdade e autoridade. Para ele, a busca por um equilíbrio entre esses dois polos é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Problematizando: Liberdade x autoridade: elementos para reflexão.

A liberdade é importante nos momentos em que o indivíduo, na sua busca do conhecimento, precisa inquirir, averiguar, investigar, duvidar, tornando a rebeldia um ato de discordância para chegar a uma nova descoberta, a uma conclusão. Nessas ocasiões, a liberdade torna-se positiva, porém em outras, na sala de aula, o professor precisa mostrar limites na relação com o educando; não com uma postura autoritária, mas fazendo o aluno perceber que tem direito a estar ali, porém deve tratar os outros com respeito e dignidade sabendo que, naquele espaço pedagógico, todos têm um lugar que deve ser compartilhado de forma equânime, solidária, respeitando os limites uns dos outros.

Texto 7: “Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer” (p. 132).

Resposta: Todos nós, seres humanos, na nossa incompletude e inacabamento, estamos sempre aprendendo com o outro nas relações que estabelecemos. Dessa forma, vamos nos tornando conscientes de que é a “ignorância” o que nos move na busca de novos conhecimentos.

Problematizando: A condição de inacabamento do ser humano e suas relações com o outro.

Segundo Freire, não há razão para nos envergonharmos de não saber algo, pois, no nosso inacabamento, estamos aprendendo todo o tempo. Ter abertura ao novo e aos outros com “disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios são saberes necessários à prática educativa” (Freire, 2016, p. 132-133). Se tenho consciência de que não sei algo, isso me abre a possibilidade de aprender o que não sei com minha vontade curiosa de fazê-lo. É importante ressaltar o respeito às diferenças entre mim e os outros com quem me relaciono, principalmente, se nossas opções são diferentes em assuntos como política, pedagogia, religião, etc. É “na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas” (Freire, 2016, p. 132). Freire nos diz que nessa abertura ao mundo e aos outros, caminha-se para uma relação dialógica, na sua inquietação e curiosidade, no seu inacabamento, fazendo a sua história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS (RESULTADOS E PERSPECTIVAS)

O artigo tem como objetivo estudar a ética e a autonomia como partes integrantes de saberes necessários para a formação de docentes que assumem o compromisso ético de formar indivíduos. A partir de uma ação formativa, por meio de uma oficina temática, realizada com professores pós-graduandos do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Lavras, tomamos como referências o pensamento de Paulo Freire, em especial, o da obra “Pedagogia da Autonomia”.

A primeira parte se constituiu de apresentação do tema, com interações com os participantes/professores, de alguns sub-tópicos extraídos do livro “Pedagogia da Autonomia”. Os educadores iam participando à medida que sentiam o tema tocar em suas próprias experiências, dando breves relatos pessoais. Na segunda parte, com textos distribuídos, a atividade foi direcionada para discussão em grupos de dois, para que a reflexão abordada entre os pares e os fragmentos das experiências vividas por eles fossem relacionados e colocados por escrito. Em seguida, os temas foram discutidos no grupo geral, sedimentando as colocações trabalhadas nas reflexões sobre a ética e a estética, autonomia, a rigorosidade metódica, a corporificação da palavra pelo exemplo, educação bancária, o respeito aos saberes do educando, ao inacabamento, à curiosidade, entre outros. Foi percebida uma concordância geral, uma verdade nos depoimentos dos participantes, com abertura para que a reflexão ali desenvolvida pudesse confirmar e reiterar sua prática docente, que, no exercício da reflexão-ação, buscava fazer presentes a coerência, tão enfatizada por Freire, e seu pensar certo também.

Então, observamos que, nas respostas escritas e complementadas com a oralidade, o grupo se percebe, se vê conforme as proposições de Paulo Freire, com a mesma precisão, seriedade, eticidade e autonomia, sabendo que a nossa realidade é difícil, longe do ideal da prática educativa que almejamos, mas estando convictos de que, se reafirmarmos nosso compromisso pessoal, ético-político, de lutar por uma educação melhor, se cada educador fizer o melhor que puder com consciência, estaremos intervindo no contexto escolar do qual fazemos parte e o transformando.

Ao realizar a leitura e a análise crítica do material escrito pelos professores, relacionei-os com temas ou eixos, que ao longo da formação do Mestrado, fui-me aprofundando e problematizando a partir da minha experiência vivida na docência, ampliada pelos referenciais estudados. Das sete reflexões trazidas durante a oficina, pude destacar sete eixos relacionados com a questão da ética e da autonomia na formação dos professores, são eles: a) o respeito à autonomia do ser do educando e dos educadores; b) o inacabamento do ser humano; c) somos

sujeitos dialógicos que aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela; d) corporificação das palavras pelo exemplo; e) criticidade com a curiosidade epistemológica que nos instiga a aprender mais; f) comprometimento; g) rigorosa formação ética ao lado sempre da estética.

Neste momento de finalização da pesquisa, estes eixos me auxiliam a reconhecer e sustentar uma perspectiva de formação docente que prime pela reflexão, pelo diálogo, pela criticidade, autonomia e, sobretudo, pela ética.

REFERÊNCIAS

- CAETANO, A. P.; SILVA, M. de L. Ética profissional e formação de professores. **Sísifo Revista de Ciências da Educação**, n.8, p. 49-60, 2009. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/28320317>. Acesso em: 16 set. 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 22. ed. São Paulo: Olho d'água, 2010.
- KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2019.
- KANT, I. **Textos Seletos**. Tradução de Raimundo Vier, Floriano de Sousa Fernandes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MORA, J. F. **Dicionário de filosofia - Tomo II (E-J)**, 2. ed. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005.
- MUZZATTO, E. M. **Educação para a cidadania: a autonomia em Kant e Freire**. 2017. 121 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteiras Sul Campus Erechim. Erechim-RS, 2017.
- SEGRE, M. Clonagem reprodutiva e clonagem terapêutica: questões éticas. **Revista CEJ**, n. 16, p. 29-48, 2002.
- SILVA, P. F. da; ISHII, I.; KRASILCHIK, M. Código de ética docente: um dilema. **Educação em Revista**, v.36, p. e215216, 2020.
- TROMBETTA, S.; TROMBETTA, L. C. Ética. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2008.
- VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- ZATTI, V. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2007.

TERCEIRA PARTE

3 CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

Escrever sobre ética com enfoque em Paulo Freire, para mim, foi um grande desafio que, em alguns momentos, achei que não iria conseguir superá-lo. Mas, com muito estudo, tenacidade, com a ajuda da minha orientadora e também de pessoas que, ao longo do trabalho, foram gentilmente leitoras do que eu ia escrevendo e fazendo seus comentários, o texto foi-se construindo na sua dança de escrever e reescrever com paciência e persistência. É um tema relevante para ser estudado, mas ainda há lacunas e muitas a serem preenchidas sobre o assunto. A vivência de ser éticos, no labor diário da escola, é essencial para nós, educadores, pois aprendemos e ensinamos com o exemplo.

A educação no Brasil, desde os seus primórdios, sempre teve características elitistas, para poucos, contrapondo-se à escola de ler, de escrever, de contar que tinha conteúdo mínimo, com duração breve para o restante da população. A educação se destinava mesmo a preparar a classe dominante para manter seu status quo. Consequentemente, a população, na sua grande maioria, permanecia analfabeta, submissa, pobre, servil, domesticada. Tudo era feito para manter essa situação. Por isso, que nunca se investiu verdadeiramente em educação, pois não havia vontade política de mudar nada.

Na época colonial, tínhamos o Colégio Jesuíta, em Salvador, com condição de se tornar uma universidade no século XVII, no Brasil, mas isso não foi permitido. Foram criados cursos de Ensino Superior somente no século XIX, depois que a família real chegou ao Brasil. E, universidades, nos moldes que temos hoje, no século XX. Então nossas universidades são novas em relação às de outros países da América do Sul, onde, em alguns deles, elas surgiram no período colonial espanhol.

Nosso atraso educacional, cultural, científico é histórico, dificultando o ritmo de desenvolvimento do país para que se torne um país soberano, que visa aos reais interesses de seu povo e busca sua identidade própria, deixando, assim, de ser explorado, suas riquezas levadas para fora continuamente, seu povo mais pobre, criando uma desigualdade social cada dia maior. Enfim, deparando-nos com a realidade de os ricos serem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, não temos uma perspectiva de mudança social, neste mundo globalizado, com o sistema neoliberal de economia de mercado.

Então, vivemos em um mundo marcado pela tecnologia, a inteligência artificial, a

internet, o avanço da cibernética, com robôs imitando os homens em suas funções e o ser humano cada vez mais encolhido nas suas angústias e depressões, com cada vez menos espaço para a expressão e o desenvolvimento do “ser mais”, como dizia Paulo Freire.

Nesse contexto social, político e histórico, surgiu, nos idos da década de 1950, o educador pernambucano, Paulo Freire, brasileiro, numa época em que se ansiava por mudanças; que se pensava em resolver a questão da educação, principalmente o analfabetismo que se arrastava não há décadas, mas sim, há séculos. Todos os seus estudos e sua pedagogia eram desenvolvidos para superar esse estado de opressão e miséria que a falta de educação favorecia e mantinha quase sem alteração, e que se contrapunha ao tão sonhado desenvolvimento.

Com tudo isso, escolhemos o tema da ética que nos remete à nossa raiz como essência do ser humano. Tão importante nos dias de hoje é lembrarmos que, se na educação escolar, enfatizássemos os valores éticos imbuídos na educação, a formação moral e os conteúdos juntos, poderíamos ter esperança de construção de uma educação mais íntegra, completa, melhorando a escola, o educando, o educador e a sociedade. Assim a educação iria cumprindo sua missão de formação ética dos educandos para que, com isso, pudessem transformar-se em cidadãos de bem.

O estado de opressão que sempre existiu e que faz parte da história civilizatória deste país, a falta de um planejamento eficiente educacional que supra as reais necessidades, fez surgir a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, aquela que propõe uma educação humanizadora e libertadora, que tem, em seu âmago, um apelo à ética, ao respeito e à autonomia do educando; respeito à sua dignidade, aos seus saberes, à sua cultura, à sua história, ao seu jeito de ser, vendo-o como um ser em construção, no seu inacabamento, na procura de se descobrir cada vez mais para se tornar um cidadão do mundo, integrado, incluído, aceito e produtivo na sociedade.

No primeiro artigo, falamos da educação humanizadora e libertadora de Paulo Freire, e, como ele, acreditamos que a educação tem um viés capaz de extrair o que há de melhor em cada um de nós; ela possibilita o desenvolvimento das potencialidades que trazemos e que, só pouco a pouco, vamos descobrindo em nós mesmos. Se a escola atuar como espaço formador, que estimule perguntas, curiosidades e inquietações que vão trabalhando nossa consciência crítica, a consciência de nosso lugar no mundo, ela vai possibilitar que nos posicionem nele. Freire também aborda, em contraposição, a educação bancária que é a que conserva, que mantém a educação sem questionamentos ou mudanças. A solução para ele é, portanto, a educação problematizadora ou libertadora, um exemplo de saídas possíveis, de soluções, que traz, em seu processo dinâmico, a proposta de mudança, de transformação, de descoberta do indivíduo no seu criar e recriar. Neste contexto, sob esta perspectiva, entendemos que a educação é política

que pode modelar o processo de aprendizagem.

Nos quatro pontos de reflexão apontados pelo artigo, como uma das principais ideias do pensamento freireano, seu projeto de uma educação libertadora é construído. No humanismo dialógico freireano, é apresentado um diálogo horizontal em que o educador e o educando, como sujeitos cognoscentes, como investigadores críticos, desenvolvem um ensinar – aprender, e um aprender – ensinar, que leva o educando a desvelar a realidade. Assim, na práxis educativa, o educador traz sua coerência, unindo teoria e prática, reflexão e ação, expandindo, no educando, a compreensão indispensável para a transformação do mundo.

Outro ponto importante é a conscientização que o sujeito adquire quando vai-se engajando nas questões que dele e do entorno emergem; na discussão em grupo, vai-se dando conta da sua realidade, fazendo novas leituras de mundo que causam uma mudança interna, e, conseqüentemente, a luta passa a movê-lo; ele passa a almejar uma mudança externa, uma mudança social. Conscientiza-se de que a sociedade, tendo em uma educação bancária a maneira de manter os privilégios da elite, dá à maior parte da população, apenas o direito de sobrevivência e, infelizmente, desse modo, a sociedade se torna opressora, na medida em que os oprimidos, aceitando esse estado de dominação, passam a fazer parte do projeto do opressor. O Método Paulo Freire de alfabetização mostra o quanto é eficaz se realizado corretamente, comprovando com coerência a sua reflexão-ação, que pode ser, na prática, um exemplo de educação problematizadora ou libertadora.

No segundo artigo, em que o estudo da ética na educação é abordado, nas suas variadas formas, começamos com os gregos, focalizando Aristóteles; com o pensamento de Kant no iluminismo, passamos para Vázquez, filósofo do século XX; depois para Freire, que ao refletir sobre a educação, de maneira democrática, para fins emancipatórios, revela seu caráter ético como fundamento. Nesse aspecto, há uma relação sólida entre ética e educação. A ética figura como um componente importante no cenário da educação em que a abordamos no contexto histórico e depois nos debruçamos em Freire, demonstrando as relações intrínsecas que ela desempenha na formação do professor e na sua atuação no meio escolar. A ética que Freire aponta, é a ética universal do ser humano, que se opõe à economia de mercado, que não leva em consideração as fragilidades e as necessidades do homem atual, aumentando assim, o processo de exploração e opressão por ele sofrido.

O pensamento freireano é enfático no pensar certo e, na sua rigorosidade metódica, propõe ao educador uma postura reflexiva e crítica da realidade; que, no exercício da profissão, possa dar o exemplo de retidão ética ao educando; que no diálogo, possa trazer discussões sobre a inclusão dos conteúdos; que possa estar contribuindo com o indivíduo na sua formação moral,

ética, utilizando o espaço educacional para o fortalecimento do cidadão de bem do futuro. No discurso coerente de Freire, encontramos e confirmamos toda a importância que a ética tem na educação e, quando estudamos outros autores apresentados neste trabalho, com pensamentos que foram desenvolvidos em épocas diferentes, achamos similitudes nas suas vozes, o que só nos faz reafirmar o quanto a ética é indispensável e quanto nos cabe estudá-la e colocá-la em prática cada vez mais na educação básica e na educação de maneira geral.

Hoje, no contexto da educação básica, encontram-se vários desafios, como a violência nas escolas, o desrespeito dos alunos aos professores, a falta de limites nas relações entre educandos e educadores, o excesso de alunos em sala de aula que dificulta as atividades do professor, as condições precárias de trabalho oferecidas aos profissionais da área de educação, a baixa remuneração profissional, a não valorização social do profissional, as constantes atualizações na área de ensino que o professor precisa fazer, sua carga de trabalho excedente, diariamente exaustiva. Para o professor sua vida diária é muito exigente, mas se ele conseguir incorporar ao seu dia a dia um diálogo amoroso, equilibrado, uma escuta atenciosa e, no seu olhar fraterno, sua leitura de mundo, com certeza isso vai fazer toda a diferença na sala de aula. No terceiro artigo, desenvolvemos um produto educacional intitulado “Produto Educacional: Oficina Reflexiva sobre a Contribuição da Ética e da Autonomia na Formação Docente do Professor”. Essa atividade teve como centralidade discutir, em uma oficina com os professores da Pós-Graduação, do Mestrado Profissional em Educação, as contribuições que a ética e a autonomia podem aportar na formação docente do professor.

Essa discussão foi realizada em sala de aula, onde os professores como alunos, refletiam enquanto professores e davam exemplos de suas experiências, constatando o que se retratava ali, resignificando sua própria prática. Abordamos a teoria com tópicos escolhidos do tema da ética e autonomia, depois, com textos reflexivos, distribuídos aos pequenos grupos. Realizamos, então, as discussões, e, em seguida, curtos relatos escritos de experiências foram registrados por eles.

Vimos quanto nossa proposta de pesquisa era pertinente, relevante, e quanto temos que viver a práxis educativa que Freire tanto enfatiza, de viver a teoria e a prática, a reflexão-ação. Foi o que fizemos com a reflexão, com a prática da discussão e com a produção de um pequeno texto feito pelos professores participantes. Com a convicção daquilo que estamos vivendo, construindo em grupo e assumindo o compromisso interno e externo de sermos mais éticos, mais comprometidos em defender a educação; trabalhando por uma educação mais digna, íntegra, pelos valores morais e éticos, por uma formação ética para os professores e alunos (educadores e educandos), certamente os educandos de hoje se tornarão cidadãos e homens de

bem em uma sociedade mais justa, equânime, democrática, onde todos possam conviver em paz, tendo as mesmas oportunidades e a esperança de um mundo melhor. Isso é um sonho, um objetivo, do qual não se pode abrir mão. Isso a educação pode, sim, fazer: ajudar a transformar as pessoas, para que as pessoas transformem o mundo.

Meu encontro com o pensamento de Paulo Freire se deu quando, nos finais dos anos de 1970, em um contexto de repressão e também de abertura política, surgiu uma oportunidade de participar de um grupo de estudo que reunia vários interessados que liam e estudavam Paulo Freire em Salvador. Esses encontros se davam, de maneira muito discreta e tímida, pois a repressão existia e ainda não se podia ler livremente Paulo Freire. Alguns trabalhavam com educação popular, atuando em locais bem carentes, na periferia da cidade.

Os grupos de estudo eram provenientes de várias partes, isto é, estudantes da Universidade Católica do Salvador (UCSal), da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e representantes de Movimentos de Base, com o apoio da Igreja, que não eram muitos. Era uma tentativa de organização de um trabalho que pudesse ser desenvolvido no futuro próximo. Encontrávamo-nos, uma vez por semana de maneira cautelosa, sem divulgação, para estudarmos Paulo Freire, e o estudo durou em torno de um ano, provavelmente em 1979.

Lembro-me de que o primeiro livro que lemos foi “Conscientização: teoria e prática da libertação”, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Nessa época, eu fazia o curso de Licenciatura Plena em Matemática, na Universidade Católica de Salvador (UCSal), mas tinha a atenção voltada mais para o movimento estudantil do que para os estudos acadêmicos, atraída por um sonho, o sonho de um mundo melhor. Estávamos vivendo um período de retomada política, com o pedido de anistia para os que estavam exilados. Esse assunto era muito presente entre nós, e, concomitantemente, estava acontecendo a retomada das entidades estudantis como a UNE (União Nacional dos Estudantes), os DCEs (Diretório Central dos Estudantes) e DAs (Diretório Acadêmico).

Da UCSal éramos cinco estudantes, quatro faziam Serviço Social e eu fazia Matemática. Anos depois, na década de 1980, ainda estudante, um professor do curso de Pedagogia da UCSal me procurou e me propôs fazer uma capacitação de matemática, usando o método de Paulo Freire de alfabetização para adultos para ser aplicado posteriormente aos funcionários da Caraíba Metais, empresa esta fundada em 1969, que atualmente se chama Mineração Caraíba S/A e faz parte do grupo Ero Brasil. Explora minério de cobre e sua principal unidade se situa em Jaguarari, no centro-norte do Estado da Bahia.

No primeiro momento, fiquei surpresa com o convite, pois não tínhamos visto isso no grupo de estudo, cuja ênfase foi na parte da linguagem. Contudo, aceitei o convite e preparei os

materiais de matemática, realizando a capacitação, que foi remunerada, em um fim de semana. A empresa iria, posteriormente, aplicar o método de alfabetização de adultos em seus funcionários analfabetos.

A capacitação teria que ter um acompanhamento dos monitores que iriam utilizar o material produzido do componente curricular da matemática. Porém, isso não ocorreu, mas provavelmente a iniciativa foi realizada depois, pois fazia parte de um programa de alfabetização para jovens e adultos oferecido pela empresa Caraíba Metais para seus funcionários. Não tive mais notícias.

Para mim, foi uma experiência muito gratificante poder colocar em prática os conhecimentos específicos da matemática, utilizando o método de Paulo Freire, tão revolucionário e eficaz para nós, na época, sabedores do reconhecimento que esse método merecia, depois de décadas de perseguição política no país.

De toda essa experiência vivida e da trajetória formativa na Graduação, o que ficou foram sementes que um dia iriam brotar, de forma que eu pudesse traduzir, na continuidade de minha formação acadêmica, o que me havia despertado e o que ainda estava adormecido. Sinto que o Mestrado acendeu o que estava latente em mim, fazendo com que eu fizesse um resgate das minhas experiências vividas, ampliando-as no presente e transformando-as nesta dissertação. Almejo um mundo melhor; sonho com ele, acreditando na educação como possibilidade de transformação do homem, acreditando que ela pode extrair dele o melhor para que a convivência humana seja fraterna, amorosa, respeitosa e ética, como era o sonho também de Paulo Freire. E foi por isso que ele lutou em toda a sua vida, por uma educação humanizadora e libertadora.

Hoje, ao realizar as considerações desta pesquisa, posso dizer que percorrer este caminho me trouxe essa experiência ressignificada e ampliada. Posso dizer que saio com a consciência da importância de três elementos fundamentais que são representados pelos três artigos escritos na dissertação que são: no primeiro artigo, a educação humanizadora e libertadora de Paulo Freire, que nos remete a uma educação voltada ao respeito e à dignidade humana, buscando desenvolver o que há de melhor no ser, levando-o a ter uma convivência fraterna, numa atitude solidária e amorosa para com o próximo; visando a, não apenas, desenvolver no educando habilidades cognitivas, mas, sobretudo, valores humanos, éticos. No segundo artigo, a relação entre ética e educação: um olhar freireano a respeito da formação docente nos remete a um estudo que relaciona a ética com alguns filósofos de várias épocas, mostrando como este conceito evolui e se ressignifica, dependendo da linha do tempo a que se refere, criando um fio condutor que nos auxilia a perceber que os filósofos pesquisados estão

relacionados e suas teorias fazem parte de um todo. Assim, ao nos aproximarmos mais da visão freireana, podemos dizer que a ética e a educação não podem estar separadas da formação docente. E, no terceiro artigo, foi apresentado um produto educacional, uma oficina reflexiva: contribuição da ética e da autonomia na formação docente do professor, realizado com os professores/estudantes que faziam a Pós-graduação no Mestrado Profissional em Educação, na Universidade Federal de Lavras. Essa oficina mostrou-nos quanto é importante trabalhar o tema da ética em sala de aula, na formação de professores, pois temos necessidade de nos expressarmos, verbalizando e compartilhando o que acontece na escola, em sala de aula, como também com os alunos, com o mundo, pois acreditamos que nossa realidade transforma-se todo o tempo. Com isso, podemos dizer que a prática docente é uma trajetória que não só exige o conhecimento acadêmico, mas que vem, também, permeada de várias outras habilidades que o professor vai descobrindo e vivenciando na sua práxis educativa, reafirmando, com seu exemplo, sua retidão e ética, seu compromisso ético e sua responsabilidade na formação humana do seu aluno.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2022.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BOTO, C. Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, Cedes Ano XXII, v. 22, n. 76, 2001.
- CAETANO, A. P.; SILVA, M. de L. Ética profissional e formação de professores. **Sísifo Revista de Ciências da Educação**, n.8, p. 49-60, 2009. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/28320317>. Acesso em: 16 set. 2019.
- CARVALHO, J. M. de Ética e sociedade. **Revista Estudos Filosóficos** nº1, p. 72-83, 2008. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art7_rev1.pdf. Acesso em: 23 out. 2023.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação; economia, sociedade e cultura**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CERETTA, P. **A Ética na Formação de Professores da Educação Básica**. 2018. 94 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.
- CORDERO, J. Ética y profesión en el educador: su doble vinculación. **Revista Espanola de Pedagogia** ano XLIV, n. 174, p. 463-482, 1986. Disponível em: <https://reunir.unir.net/handle/123456789/7563>. Acesso em: 1 out. 2019.
- CUNHA, G. S. de A. **Ética nas proposições pedagógicas de Paulo Freire: o engajamento ético-pedagógico do educador**. 2003. 248 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- ELA: Epifanias em Linguística Aplicada. **PRÁXIS: mudando o mundo na perspectiva de Paulo Freire**. YouTube, 9 de setembro de 2024, 9min49s. Disponível em: https://youtu.be/W-TShT9ei_Q?si=9gtWOJpKWkwJ_ITW. Acesso em: 23 fev. 2025.
- DUARTE, Bruna Da Silva. **Ética E Docência Numa Educação Libertadora Na Perspectiva De Paulo Freire**. 2019. 109 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.
- FEITOSA, S. C. S. **Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. 1999. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- FORTUNA, V. **Epistemologia, ética e práxis pedagógica em Paulo Freire**. 2015. 82 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

- FORTUNA, V. **Subjetividade e Educação Libertadora no Contexto Neoliberal: a Atualidade de Paulo Freire**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, P. O processo de alfabetização política. **Revista da FAEEBA**, Salvador, n. 7, p. 19-32, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Riode Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019c.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.
- FREIRE, P. **Política e educação**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 22. ed. São Paulo: Olho d'água, 2010.
- FUCUHARA, L. **A Formação de Consciência Moral na Perspectiva de Paulo Freire**. 2021. 174 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.
- GREEN, Elliott D. What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)?. **Impact of Social Sciences Blog**, 2016.
- GUZZO, V. **As Dimensões Ética e Política como Componentes Curriculares dos Cursos de Licenciatura: a Perspectiva dos Estudantes**. 2009. 206 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.
- JORNALISMO TV CULTURA, **Brasil pode enfrentar carência de 235 mil professores de educação básica até 2040, aponta pesquisa**. YouTube, 19 de fevereiro de 2025, 6min48s. Disponível em: <https://youtu.be/oS8AZJ2gJrg?si=khErWRt8EkIKXeaf>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.
- KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2019.
- KANT, I. **Textos Seletos**. Tradução de Raimundo Vier, Floriano de Sousa Fernandes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MARTINS, G. A. R. F. **A Formação Virtuosa na Escola**. 2018. 81 p. Dissertação (Mestrado

em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2018.

MINAYO, M. C. S.; DESV LANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia** - Tomo II (E-J), 2. ed. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005.

MUZZATTO, E. M. **Educação para a Cidadania:** a autonomia em Kant e Freire. 2017. 121 p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2017.

NODARI, P. C. A Ética Aristotélica. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 24, n. 78, 1997.

NUNES, M. **Autonomia como Pressuposto Ético para a Educação:** uma leitura de Paulo Freire. 2011. 81 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

PINHEIRO, C. de M. **Kant e a Educação:** reflexões filosóficas. Caxias do Sul: Educus, 2007.

RAZERA, J. C. C.; NARDI, R. Ética no Ensino de Ciências: responsabilidades e compromissos com a evolução moral da criança nas discussões de assuntos controvertidos. **Revista Investigações em Ensino de Ciências (IENCI)**, v. 11, n. 1, p. 53-66, 2006. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/502>. Acesso em: 1 out. 2019

RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, Cedes Ano XXII, v. 22, n. 76, 2001.

SALVI, L. R. B. **O Sujeito Autônomo em Freire:** Contribuições a Educação Infantil. 2018. 143 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

SANFELICE, J. L. O compromisso ético e político do educador e a construção da autonomia da escola. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 6, n. 6, 2000. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/89/102>. Acesso em: 14 jul. 2024

SEGRE, M. Clonagem reprodutiva e clonagem terapêutica: questões éticas. **Revista CEJ**, n. 16, p. 29-48, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez editora, 2016.

SILVA, Lisley C. Gomes da. **Diálogo Pedagógico:** Princípio Fundante da Pedagogia Crítica Freireana. 2022. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Santos, Santos, 2022.

SILVA, M. E. F. da; MARTINS, R. A. O desenvolvimento moral segundo Piaget, em psicologia. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v.14, n.

2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1984-1655.2022.v14.n2.p42-86>. Acesso em: 14 jul. 2024

SILVA, P. F. da; ISHII, I.; KRASILCHIK, M. Código de ética docente: um dilema. **Educação em Revista**, v.36, p. e215216, 2020.

SILVA, S. **O Pensar Certo e a Educação na Obra de Paulo Freire**. 2015. 201 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

TROMBETTA, S.; TROMBETTA, L. C. Ética. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2008.

VALLE, L. do. Ainda sobre a formação do cidadão: é possível ensinar a ética? **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, Cedes Ano XXII, v. 22, n. 76, 2001.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ZATTI, V. **A Educação Para A Autonomia Em Immanuel Kant e Paulo Freire**. 2007. 99 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ZATTI, V. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2007.

ZENI, A. B. **Educação e autonomia: uma reflexão a partir da filosofia prática de Immanuel Kant**. 2010. 86 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.